1°SEMESTRE /2022

SE NÃO MUDARMOS A FORMAÇÃO DOCENTE, NÃO MUDAMOS A EDUCAÇÃO.

PROFESSORES E COORDENADORES -PESQUISADORES, UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE APRENDIZAGENS.

ANA CAROLINA PETRECHE HARRIS SAMPAIO, ANDRESSA GOMES DA CONCEIÇÃO, MARIA DE LOURDES PATROCÍNIO DA SILVA COCOZZA SIMONI, TACILA JULIANA RIBEIRO DE ALVARENGA

D'CASAS: A CASA TOMBADA & CASA DIÁLOGOS

Professora leitora: Renata Araujo

Trajeto

Apresentação 2
Carta de intenções 8
Nossos itinerários, caminhos de transformação 10
Andressa 10
Carol (Ana Carolina) 12
Lou (Maria de Lourdes) 17
Tacila 21
Qual o problema? 24
O que defendemos 29
Reconhecer a comunidade de Aprendizagem 29
A aula, este encontro mágico do cotidiano 30
A Pedagogia Participativa e a Homologia de Processos 31
A democracia 32
TRANSformação 34
Nesse caminho 37
Formação coletiva 37
Formação em linha fenomenológica humanizada 39
Utopia: a semente 42
Referências Cumpridas 45

Apresentação

Caro leitor,

Se seus **olhos** passam por aqui, isso sinaliza para nós que você também faz parte desse grupo de mentes inquietas e reflexivas da qual descobrimos fazer parte.

Somos quatro *simplesMentes* que se encontraram em suas pesquisas, na busca de uma melhor escola e educação para nossas crianças e jovens, com a crença de que é a partir dela, e somente com ela, que podemos **TRANS**formar as realidades que vivemos, porque é pela educação, pela curiosidade, pela reflexão e aprofundamentos que somos **ENTRE**laçados e nos tornamos mais fortes para seguir em frente, enfrentando os obstáculos do caminho, abrindo as velas para que os ventos possam nos mover e manter os olhos brilhando e os ouvidos atentos ao que nos cerca.

Fomos imantadas pelo tema "Docente pesquisador: a formação coletiva do professor e coordenador pedagógico." Iniciamos apenas com uma certeza: seria uma ação em grupo porque

"O seu olhar melhora
Melhora o meu"
Arnaldo Antunes

E essa certeza justifica também nossa escolha por estar na escola. Não se faz escola sozinho. A escola é o coletivo de "eus", que entrelaçados tornam-se nós. É na escola que aprendemos juntos, aprendemos com o outro, um espaço de desenvolvimento humano.

QUEM SOMOS? NÓS!

Sou Andressa, professora desde muito cedo. Ainda muito pequena já sabia que somente por meio da educação minha vida poderia ser transformada. Tive, ao longo da minha jornada, pessoas que foram essenciais na minha vida, e que trouxeram sabedoria, conhecimento, experiência, trocas e partilhas. Se hoje estou aqui, contando uma pouco de onde vim, é porque fui muito tocada pelas palavras, anseios e memórias. Estudar, para mim, foi a única opção, dentre muitas experiências regadas por incertezas.

Atuo com e través da educação, na busca constante por um espaço vivo, rico, potente, inteiro, feito com e para as pessoas. Atualmente estou coordenadora, paixão essa que surgiu na minha vida após muitos anos como professora. Nestas andanças e danças da vida, me encontro com um coletivo de

pessoas, três colegas de missão, que assim como eu, buscam fazer a diferença no chão da escola.

Nossa inquietação, de alguma forma nos aproximou, seja pelas diversas experiências, ou pelo clamor de um processo que precisa ser ressignificado. E foi assim que nos juntamos, não pela temática de uma simples pesquisa, mas pela inédita complexidade de uma geração que vem a cada dia suplicando pelo olhar cuidadoso, formador, amoroso e empático para aqueles, que assim como nós, estão no espaço do chão da escola.

O começo desta escrita se torna ainda mais preciosa quando nos encontramos nas subjetividades umas das outras e, assim, decidimos seguir acompanhadas, pois, não sabemos onde vamos chegar, mas temos a certeza de onde não queremos ficar.

Jorge Larrosa nos convida para um gesto de interrupção, de pausa, de reflexão, de entendimento, é isso que estamos fazendo aqui. Uma pausa para falar do docente pesquisador; uma pausa para refletir sobre as nossas ações enquanto professor e coordenador; uma pausa para escutar os anseios contemporâneos, e neste movimento de muitas inquietações, vamos nos deslocando em busca de aprimoramento e entendimento, pois, quando a gente se desloca, o outro se desloca também.

Seguimos como aprendizes que somos, em busca de dados e pistas, compreendendo territórios, pesquisando como alguém que não sabe tudo, mas que assume um lugar de movimentação na busca pela formação continuada, não como algo que falta, mas como aquilo que ainda não sabemos.

♒

Sou Carol, educadora na paixão. Explico aqui o conceito a que me refiro ao falar sobre paixão, para que a gente a use com mesma significação. Para isso, buscarei ajuda na etimologia da palavra. Ocorre que “paixão” vem do Latim PASSIO, “sofrimento, ato de suportar”, de PATI, “sofrer, aguentar”, do Grego PATHE, “sentir (originalmente, tanto coisas boas como ruins)”.

Assim, a vida desta palavra em Latim se resumia a designar um conjunto de sensações negativas. E somente ela não dá conta de demonstrar toda a paixão que tenho dentro de mim ao educar. Não é só esse sentimento.

Com o tempo, lá pelo século XIV, ela passou a querer dizer também “forte emoção, desejo”, e mais tarde ainda, “entusiasmo, grande apreço, predileção”.

Então vou pedir ajuda à filosofia, que traz no vocábulo grego “páthos” algo que só acontece na alma dos filósofos, que é a admiração pelo que o outro faz você sentir ao filosofar, iluminando o vínculo entre a incerteza e o maravilhamento, tornando a paixão em experiência: o movimento de entrada tateante no perigo desconhecido e a renovada saída dele.

E aqui recordo meu professor do Ensino Médio, Luiz Henrique Fernandes, que nos dizia que *"A filosofia torna-se, então, experiência vivida de uma presença."*

Logo, a educação deve ser a experiência vivida na presença, na paixão. Então dou as mãos à Larrosa e ao que ele reflete sobre a experiência. Que a experiência tem a ver com paixão, tem a ver com o que nos passa. É diferente de conhecimento. Na era da informação temos muito conhecimento e pouca experiência, porque não paramos para pensar. É necessário suspender o juízo, parar para olhar, parar para escutar, sentir, padecer. É na escola que as experiências devem acontecer. A escola como espaço de suspensão.

Na paixão e na certeza que somente no cotidiano da escola é que conseguiremos transformar as realidades que nos cercam, fui em busca de cartografar meu caminho. E estando na posição de professora passei a me indagar sobre as possibilidades de ser, nas pequenas frestas desse dia a dia que a formação acontece, nos pequenos desequilíbrios cotidianos que pares se dão as mãos e que gestores são suportes das aprendizagens que estão sendo construídas e fortalecidas no chão da escola, reverberando nas salas das aulas a criação de novos saberes, novas estratégias. O meu olhar melhorando o seu olhar, o seu olhar ampliando o meu olhar.

Lou

"A incrível e fantástica história do sonho que virou fórmula e da fórmula que virou escola

Certa vez, no pedacinho de um reino não tão distante nem tão desconhecido (e tampouco tão pequeno assim, famoso em certo sentido pelo futebol que jogavam os seus...) mas, como estávamos dizendo, um reino em que a educação das crianças andava muito mal das pernas, foi que uma professora de Química – só podia ser de química! – teve um sonho: criar uma fórmula mirabolante de inventar a escola dos sonhos das outras pessoas. Trancou-se em seus laboratórios e pesquisou, pesquisou, pesquisou – aliás, ela adora uma pesquisa – e começou a montar a tal fórmula. Descobriu outra coisa: aquilo ia demorar...
Mas! ela não desanimou – aliás, ela não desanima nunca –, e continuou pesquisando.
A fórmula ficara grande demais.
A professora precisava de gente para ajudá-la a carregar os rabiscos e os cálculos e as anotações e os etecéteras de um lado para outro ..."
Milton Costa, 2010.

Esta parte da minha história foi escrita por um amigo, Milton Costa, quando lhe falei, prestes a me aposentar como professora, que havia decidido que a escola é meu espaço de produção, emoção e sedução. Fui uma professora muitoooo feliz e o sentimento de gratidão e pertencimento a este lugar me fez acreditar que para lá eu voltaria; ou melhor, dele eu não iria e não queria me afastar.

Some-se a isto, meu desejo de compreender a escola como um todo e não apenas o Ensino Médio e a certeza de que poderia fazer uma escola diferente.

Comecei a pensar em quem frequenta a escola: o aluno (aqui represento todos os gêneros, ok?). Este que uma vez li, em outra eu ouvi, que significava "o sem-luz.". Que a escola e os professores tinham como missão dar luz para estes seres na escuridão.

Tudo lindo não fosse este um mito, um boato que virou verdade na boca dos incautos. Aluno, em vez de significar "sem luz" ou "ausente de luz" – como muitos acreditam, numa soma do prefixo grego a e do termo em latim **lumni** –, pode ser traduzido por "aquele que está crescendo e sendo nutrido", mais precisamente um lactente, e deriva apenas do latim **alumnus**. Todavia, não se pode negar que se trata de um belo mito, bem como a origem correta da palavra.

A intenção do **Sonho de Fórmula de Escola dos Sonhos das Outras Pessoas** era exatamente este; iluminar os caminhos daqueles que a escola vai nutrir de conhecimento, os vários caminhos que seus alunos podem seguir, decidirão seguir, caminhos que hão de conhecer. Assim nasceu, em 2010, esta escola, pena que você não tem mais idade...rsrs...

Hoje, buscando orientação de tantos autores que a isto se dedicaram, para apresentar uma possibilidade de relacionamento profícuo entre professores e coordenadores pedagógicos encontro Andressa, Carol (a Petreche) e Tacila que inquietas como eu, desejam entender como se estabelece o processo de ensino e aprendizagem na escola de forma sensível e significativa e como potencializar em prol desta aprendizagem olhar da pesquisa e da observação de coordenadores e professores.

Como podemos, respeitando o repertório sócio-histórico e cultural de cada uma das pessoas que constituem a escola, buscar o que nos faz sentir e sentido, na construção da escola potente, que acredita que todos podem. O como podem só fará sentido no caminho e no caminhar.

As metáforas ajudam a compreender melhor as transformações que ocorreram e que estão em curso no nosso modo de viver. Zygmunt Bauman, pensador contemporâneo, construiu uma que ajuda a dar sentido e a interpretar a diferença entre o modo que desejamos estar neste planeta. Para isso, ele contrapõe as imagens do peregrino e do turista.

O peregrino, figura característica de um mundo em extinção, é quem escolhe viajar em busca de algo para melhorar ou dar sentido à sua vida. Em sua árdua e longa jornada, que não tem prazo para terminar, ele não tem pressa e seu trajeto importa mais do que sua chegada, que ele não sabe quando nem onde ocorrerá.

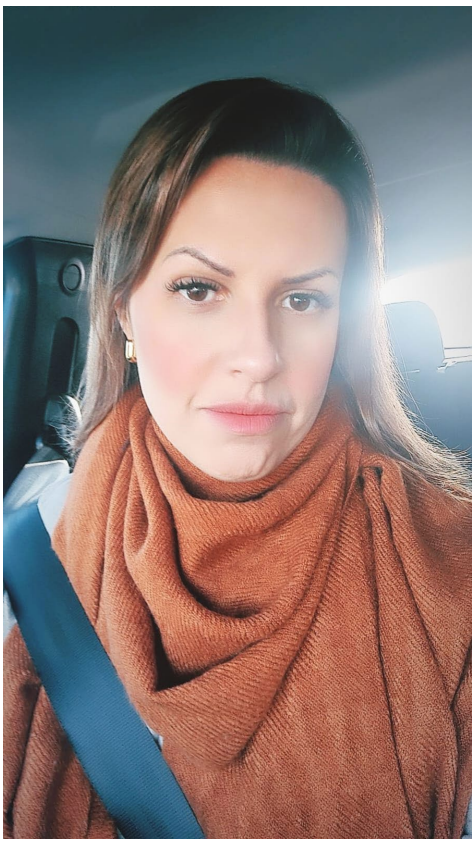
Já o turista – figura marcante dos tempos atuais – viaja por diversão e com data marcada para voltar, escolhe seu destino por curiosidade ou influência do mercado de consumo do lazer e seu trajeto é apenas o modo de chegar a seu destino.

Qualquer contratempo nos planos do turista é vivido de forma dramática.

Assim, busco viver como um peregrino, aproveitando o caminhar e o caminho.

≈

Tacila



Sou Tacila, do Amaral como alguéns brincam… talvez com a mesma essência, curiosa, reflexiva, do que a essência dela… Tarsila do Amaral, grande mulher. Mas sou eu, educadora por opção e amor, educador no sentido de educatore (latim), que significa aquele que nutre e cria. Nutrir e ser nutrido, o educador e o coordenador que me compõem são pessoas que se sobrepõem no ofício diário da busca, da inquietação, do desejo de acolher e ser acolhido, de transformar e ser transformado, de aprender e auxiliar outros em seus processos de aprendizagens. Sou mãe do Samuel e da Laura e talvez essa seja a minha mais desafiadora missão de educação. Sou uma pessoa inquieta, que busca por respostas que se tornam perguntas e assim sucessivamente. E quando acaba? A busca não cessa. Como diz o eterno Paulo freire: Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Essa reflexão que nos move, nos instiga, nos aviva, é o ensino sendo a pesquisa e a pesquisa sendo o ensino. Vivo o tempo de um fechamento de ciclo sensível, um lugar de acolhimento do meu início de educadora como coordenadora, deixando nascer com respeito o olhar sobre a escola de um ângulo diferente do qual eu estava acostumada a enxergar, professores, famílias, alunos.

Vivo nos dias de hoje com apenas uma certeza: só sei que nada sei, como bem resumiu Sócrates. É melhor assumirmos logo nossa ignorância diária em nossos processos de construções, do que dizermos que sabemos coisas que não sabemos, por medo de assumir, falta de coragem ou ainda soberba.

Viver a educação para a Tacila hoje é um desafio enorme, pois acredito na educação da equidade, que a meu ver vai além da educação do respeito às diferenças, porque equiparar é dar ao sujeito exatamente o que ele precisa para avançar em seus processos. Eu dou mais a um e menos a outro em diferentes aspectos e assim ao contrário também, visto que cada um tem uma história, uma bagagem, uma trajetória.

Acredito que, como diz Paulo Freire, que “a educação transforma pessoas e que pessoas transformam o mundo”, mas além disso, que pessoas se transformam à medida que se abrem para o novo e acreditam em si, para então depois, acreditarem no outro.

Nesse momento atual estou disposta a percorrer as rotas da cartografia da pesquisa que escolhi fazer em grupo, com algumas parceiras únicas, escolhidas a dedo pelo mesmo interesse de pesquisa, que é a nossa missão de vida atual. Busco, juntamente com minhas parceiras nessa pesquisa, entender como o professor e o coordenador se formam em suas práticas como tais, por meio da formação continuada, da TransFormação diária e do quanto isso exige da disponibilidade de cada um deles. Tenho certeza de que essa nossa viagem em reta final será incrível e TransFormadora! Estou muito feliz e desejosa em viver e experimentar tudo isso com minha equipe.

TECENDO A REDE: NÓS QUE SUSTENTAM

Nosso encontro se deu nas janelas das Casa-Nuvem, na união da A Casa Tombada e Casa Diálogos, a proposta de pensar sobre a Coordenação Pedagógica: Cartografias da diversidade e das singularidades na atuação coordenadora. Que função é essa? Quais são suas tarefas? A quem dá a mão? Quem segura sua mão?

Diversos foram os caminhos que fizeram cada uma de nós chegar aqui. Atravessar esse portal e nos encontrar nesse coletivo de forças tão rico e potente.

Enquanto grupo, somos professoras, coordenadoras pedagógicas, diretora e mantenedora. Educadoras engajadas em estudar e pensar a educação e seus processos, seus aspectos, seus desafios, suas facetas. **Temos algo em comum, o desejo de pensar a educação como pesquisa, como ciência que estuda os processos de aprendizagens de todos os sujeitos envolvidos nos processos. Estamos em busca de uma educação que serve para o educando e para os educadores, sejam eles professores ou coordenadores.**

Um quarteto desejoso e inquieto, que investe em seus processos de aprendizado por meio da pesquisa diária, em contextos individuais e coletivos, com o intuito de avançar em sua construção, além de compreender como podemos auxiliar os educadores que estão em nosso entorno a alcançar a autorresponsabilidade dos profissionais da educação com seu trajeto de formação inicial e continuada, bem como das instituições de graduação e ensino.

Assim, acreditamos na escola como espaço de formação, transformação e atuação de todos os seres ali envolvidos. A aprendizagem se faz necessária para alimentar processos curiosos de pessoas que se movem por uma necessidade ou curiosidade para aprender. Pensamos que a (trans)formação deve começar pelas mãos dos adultos educadores que se formam e para isso, é necessário o despertar para essa busca, como autor da própria trajetória.

Carta de intenções

Queremos construir uma narrativa que possa nos colocar neste lugar de construção e desenvolvimento do docente pesquisador.

> *Uma formação permanente, que se prolonga por toda vida, torna-se crucial numa profissão que lida com a transmissão e internalização de saberes e com a formação humana, numa época em que se renovam os currículos, introduzem-se novas tecnologias, acentuam-se os problemas sociais e econômicos, modificam-se os modos de viver e de se aprender, reconhece-se a diversidade social e cultural dos alunos [...] (LIBÂNEO, 2015, p. 187).*

Pensar a educação como espaço de troca e formação no espaço escolar, é uma crença que nos move e nos instiga a refletirmos ainda mais sobre o coordenador que se forma enquanto atua e, contribui com a formação e transformação do educador que atua em sala de aula. Da mesma forma, o educador com suas práticas, seus desafios, suas inquietações, move o coordenador a buscar mais e provocar mais seus pares, para uma formação contínua. Assim acreditamos na escola como espaço de formação, transformação e atuação de todos os seres ali envolvidos.

O professor e o educador se formam à medida que vivem a escola e atuam em suas funções de maneira reflexiva, registrando e refletindo de forma consciente sobre suas ações cotidianas. A partir disso, tendo como fundamento que a razão de ser da escola é a *aprendizagem* e o máximo desenvolvimento das qualidades humanas das crianças, jovens e educadores que habitam esse espaço, entendemos a necessidade de buscar uma formação sólida capaz de ressignificar a formação docente para uma aprendizagem mais significativa nas dimensões éticas, estéticas e políticas.

Espiral, Tomie Ohtake, 1980

O educador coordenador é aquele que se transforma, transcendendo fôrmas por meio de suas reflexões e ações, construindo seu percurso de avanços e aprendizagens, de sujeito ativo na aprendizagem de sua função, como numa espiral. Por meio de uma prática onde o sujeito realiza observações, registros, reflexões e dá significado à própria prática, construindo sua história. Esse é um processo dialético, que vai e vem flexibilizando de forma problematizadora, a formação continuada do sujeito-eterno-aprendiz.

Compreendemos que a formação abrange, tanto para o coordenador quanto para o professor, um processo de ação-reflexão-ação, ou seja, experienciar na prática os desejos de um fazer pedagógico, buscando caminhos de encontros significativos atrelados aos deslocamentos que se fizerem necessário neste contexto. É uma junção de ideias, possibilidades e entrega que precisa acontecer, para que juntos, possam desenhar e construir uma escola cativante para toda a comunidade escolar.

Nessa perspectiva, os professores e o coordenador pedagógico tecem juntos uma trama, cada um com seus saberes, com suas vivências, em que os fios vão se entrelaçando e gerando um

resultado único, com consistência própria. A relação TRANSformando os indivíduos. É nesse ENTRElaçar que os sujeitos vão se deslocando e desenvolvendo o pensamento, afetando uns aos outros.

Portanto, lançamo-nos a essa experiência de refletir e agir através das inquietações que essa temática nos traz, e a partir disso, transformarmos metaforicamente, os processos vividos no chão da escola, propondo um espaço potente como sujeitos aprendentes que somos.

"…para escrever não importa o quê, o meu material básico é a palavra.
Assim é que essa história será feita, de palavras, que se agrupam em
frases e destas se evola um sentido secreto
que ultrapassa palavras e frases."
Clarice Lispector

Por que é tão claro perceber que algo precisa de mudança, de transformação, mas é tão difícil efetivá-la? É possível fazer na escola essa transformação? Como criar essa cultura de pesquisadores e tessituras coletivas, entre docentes e gestores com docentes? Como borrar as fronteiras hierárquicas para navegar juntos?

Então Plutarco nos diz: "Navigare necesse; vivere non est necesse" – em latim, frase de Pompeu, general romano, 106-48 a.C., dita aos marinheiros, amedrontados, que recusavam viajar durante a guerra, que foi eternizada por Fernando Pessoa em seu poema, "Navegar é preciso; viver não é preciso". E Caetano torna poesia, colocando o corpo em movimento.

O Barco!

Meu coração não aguenta

Tanta tormenta, alegria

Meu coração não contenta

O dia, o marco, meu coração

O porto, não!...

Navegar é preciso

Viver não é preciso..."

Bora navegar, bora viver! Pois precisamos!

O movimento do corpo, da linguagem não falada, da palavra escrita são os materiais que ajudarão a tecer entre educadores-pesquisadores as possibilidades de trajetos não precisos, mas que dão suporte para a busca de verdades provisórias, novas perguntas e mais dúvidas. E nessa viagem que é a vida, certificar-se que a única verdade é que não há uma verdade única.

Nossos itinerários, caminhos de transformação

Ao falar da formação e das transformações que desejamos em nossas escolas, vimos ser necessário revisitar nossos processos e experiências ao longo do tempo. Então cada uma novamente teve a tarefa de escrever sobre si mesma, registrar sua escreVIVÊNCIA.

"A palavra precisa trazer a voz própria. Sem separar o sujeito de sua pesquisa."
Renata Araujo

Andressa

Escrevendo, descubro sempre um
novo pedaço do infinito.
Guimarães Rosa

Minha trajetória de vida inicia no dia 9 de maio de 1989, data em que nasci. Venho de uma família humilde, de um núcleo familiar com uma mãe solo e 4 filhos. Tenho 3 irmãos, todos meninos. Pertinho de nós, morava minha avó, meu avô, tias, tios, primos e primas. Meu pai morou muito pouco com a gente, não tínhamos muito contato, mas nem por isso ele deixou de ter a sua importância na vida de todos nós.

Devido as difíceis circunstâncias daquela época, minha mãe precisou trabalhar muito para cuidar de nós, sempre com a ajuda dos meus avós. Minha infância aconteceu em um bairro de Porto Alegre/ RS, espaço em que vivi, cresci e me permiti evoluir.

A vida neste lugar era muito desafiadora, pois as condições e oportunidades eram poucas, bem poucas. Em contrapartida, meus sonhos eram muitos. Sempre fui muito sonhadora, imaginava muitas coisas boas acontecendo comigo, dentre elas, a de lecionar como professora e atuar na área da educação. A vida me trouxe muitos professores extraordinários, provavelmente por isso, minha essência e amor pela educação tenha sido despertada ainda quando criança.

Na época, frequentava a escola regular no turno da manhã, e a tarde realizava outras atividades como: música, teatro, dança, percussão e culinária em um Centro Social. Meus professores eram exemplos de muito amor, entrega, cuidado e proteção. Sentia-me muito feliz com eles. Não tenho dúvida que esses exemplos me fizeram ESCOLHER a profissão de transformar vidas, em especial, essas que viviam em situação de vulnerabilidade ou necessidade.

Em 2005, aos 17 anos, realizei minha 1ª entrevista de emprego, e o mais encantador, isso ocorreu na comunidade em que cresci. Agarrei essa oportunidade com tanto amor e tamanha felicidade. Iniciei meu percurso como auxiliar de sala. Nesta época, estava quase concluindo o curso Normal do Magistério. Que experiência incrível viver o chão da sala de aula com seus desafios, suas alegrias, seus momentos de medo, dentre outros sentimentos que me acompanhavam. Foi um momento muito importante para minha vida.

No início desta escrita, coloquei o quanto foi difícil morar nesta comunidade pelas poucas oportunidades, mas não posso deixar de registrar que as oportunidades que chegaram até mim, vieram deste lugar, por isso, tem um significado tão especial. Foi desse chão seco e árido que vivi pela 1ª vez o encontro da relação professor, estudante e família.

Nesta escola, permaneci por 6 anos como auxiliar, e, em seguida, passei a atuar como professora regente de sala, ainda na mesma escola. Em 2012, fui convidada para trabalhar na escola que eu

estudei minha infância e adolescência, e estava preste a dar mais um passo na minha jornada como educadora. Foi neste momento, que me vi frente a frente com aqueles professores que tanto me emocionaram em suas ações cotidianas. Jamais esquecerei a 1ª vez que vesti o uniforme de professora, foi muito emocionante estar com os meus mestres, porém, agora, como colega de trabalho. Que emoção senti quando cheguei neste espaço. Eu cresci ali, fiz toda a minha formação educacional de estudante com aquelas pessoas, e de repente estava na sala de aula realizando o meu sonho de ser professora ao lado daqueles que foram exemplo e inspiração na minha infância e juventude.

Essa escola me trouxe a certeza da continuidade dos meus estudos, atividade que havia interrompido pelas andanças do destino e da vida. Receber essa provocação me colocou no Ensino Superior, no curso de graduação em pedagogia iniciado em junho de 2012.

Permaneci como professora neste espaço de transformação por mais 7 anos, aprendendo, ensinando, trocando, partilhando, vivendo e me encantando com a arte de educar e transformar vidas, assim como a minha foi transformada. Desde pequena, tinha apenas uma certeza: somente por meio da educação eu poderia transformar a minha vida, a vida da minha família e daqueles que passassem por mim.

Em 2016, me formei no curso superior, e me vi novamente conquistando mais um sonho de criança. Eu estava muito feliz, e minha família também. Pela primeira vez, alguém da minha família chegava no curso superior; pela primeira vez alguém concluía uma graduação; pela primeira vez meu avô assistia na primeira fileira daquele auditório uma neta receber seu diploma de graduada. Ele aplaudia e eu chorava, porque aquela história era em homenagem a ele e a toda a minha família que se faziam presentes naquele dia em todo o processo vivenciado por “nós” e entre “nós”.

Após esse importante marco na minha vida, já no ano seguinte, iniciei minha pós-graduação em psicopedagogia clínica e institucional. Ainda seguia naquela mesma escola que fui estudante, monitora e professora.

Em 2018, no mesmo espaço de atuação, recebi o convite para atuar na Coordenação Pedagógica da escola. Atuar na Coordenação ainda não fazia parte dos meus planos, mas eu fui tão tocada pela oportunidade que quis viver mais essa experiência.

Assim, fui tecendo minha vida e trajetória na educação. São 16 anos vivendo diferentes interfaces no chão da escola. Passar por todo esse processo me fez enxergar novos horizontes e novas possibilidades.

Atualmente, estou no Mato Grosso, atuando como Coordenadora Pedagógica. De outubro de 2019 a 2021 estive à frente de todos os segmentos da Educação Básica. Hoje, no ano de 2022, estou coordenando a Educação Infantil e Anos Iniciais, atuando em uma escola recentemente inaugurada neste estado. Nossa primeira unidade de ensino nesta região. E aqui estou, porque acredito que somos chamados o tempo todo para fazer a diferença na vida das pessoas.

Foi após essa mudança significativa de vida que achei prudente e necessário iniciar a pós-graduação em Coordenação Pedagógica: cartografia da diversidade e da singularidade da atuação coordenadora, visto que minha jornada necessitava de um aprofundamento e amadurecimento. Quando percebi a possibilidade de realização do curso, o sentimento de continuar aprendendo tomou conta de mim. Quero continuar inspirando outras pessoas para reflexões que tenham sentido, e que possam quebrar paradigma, ressignificando ações e cotidianos. Essa é minha grande intencionalidade neste processo de reflexão, entrega, preparo e estudo; porque pensar sobre a educação requer viver processos e

recalcular rotas, vislumbrando possibilidades de novos experiências que tenham coerência com a necessidade.

Ao longo do curso, pude aprender, ensinar, partilhar, trocar, sugerir, ouvir e ser ouvida, pude pesquisar e me deixar levar pelas palavras, imagens, desenhos, caminhos e percursos que foram se constituindo junto comigo.

Neste processo, me encontrei com pessoas que agregaram minha prática, me deslocando e desacomodando. Por fim, me vejo de mãos dadas com três parceiras de jornada, que aceitaram o desafio de pensar um processo em conjunto, trazendo à tona, ideias, caminhos e saberes sobre o professor pesquisador e uma formação docente capaz de impulsionar a autorresponsabilidade sobre aquilo que precisa de construído dentro de uma escola, com o olhar fraterno de um coordenador anfitrião, que habita com propriedade o chão da escola e permanece de mãos dadas com aqueles que querem levar adiante o processo verdadeiro e significativo do ensino e da aprendizagem. A fragilidade na formação dos professores precisa der ressignificada através da emancipação do pensamento pesquisador, daquele que traz seus princípios éticos, morais e políticos em defesa de uma educação que se faz no coletivo.

Nosso tempo é atravessado
De muitas agonias e muitos partos.
Não sabemos o que há de prevalecer.
O futuro ainda depende do que fizermos agora.
Severino Antônio

Carol (Ana Carolina)

Para escrever sobre a minha formação, fui escavar minhas memórias de escola. Escola que sempre foi minha casa.
Estudei na Escola Carandá do maternal ao 3° ano do Ensino Médio. Mas aquele espaço sempre foi mais que a escola para mim.
Minha mãe era funcionária da escola, diretora do financeiro, algumas vezes esqueceu que aquela escola não era dela. Vestia a camisa como se fosse uma das sócias. Dessa forma, por muitas vezes eu não fiquei por lá somente no meu horário de aulas. Entrava na noite aguardando minha mãe sair do trabalho, aproveitando a areia, a quadra, participando dos treinos de várias séries consecutivas, sendo gandula, reserva e até substituta de jogador que faltou.
Carandás são palmeiras que germinam rapidamente e têm como característica estarem sempre próximas a outras, vivem em grupo. Sou dessa espécie com certeza!
Ali era meu território, local em que constituía meus maiores conflitos e alegrias. Local em que aprendi a ser quem sou.
Dos desejos de infância, lembro de ter a certeza de que meus filhos estudariam ali, naquela escola que foi meu ninho.
Entrar para a educação foi decorrência das experiências vividas nesse espaço de formação de cidadãos tão potente.
Passei em 4° lugar no vestibular da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", no curso de Pedagogia do campus de Marília, no interior do estado. Mesmo sendo filha única de mãe viúva, fui encorajada a enfrentar as dores e as delícias de sair de casa e aproveitar a oportunidade de aprender mais sobre a pedagogia e a vida em um novo local.

Lá tive a primeira oportunidade de trabalhar com crianças com entraves cognitivos, numa clínica da própria universidade que atendia a comunidade. Vi que a minha inteireza e presença faziam a diferença na vida daqueles meninos e meninas, mesmo que poucas horas na semana. Essa vivência foi fortalecendo a minha certeza de querer estar na educação para transformar minha vida e daqueles que passassem por mim.

Não finalizei a graduação lá, ia me casar e me transferi para a PUC-SP, palco de grandes movimentos da nossa história, um campus que acolhe diferentes áreas do saber, que possibilita um fervilhamento de ideias.

O casamento não aconteceu, mas passei a me encantar e enamorar pelas oportunidades que estar em uma cidade grande trazia. Fui contratada como estagiária para trabalhar com Educação de Jovens e Adultos na Arquidiocese de São Paulo. Tivemos a formação pelo Centro de Integração Empresa – Escola, com coordenadoras da rede pública de São Paulo.

Foram meses de aprendizagens especiais e profundas transformações em mim. Tive alunos que mais me ensinaram do que aprenderam comigo. Dona Rosa, Silvestre, Severino... tantos que compartilharam suas histórias comigo e deixaram um tanto deles em mim.

Fiz alguns estágios na Escola Carandá, mas senti que não era vista como uma profissional, em vários momentos as memórias e rótulos da aluna saltavam nas conversas e acreditei que precisava me fortalecer como educadora para um dia voltar lá e mostrar mais do que a adolescente que fui.

O desejo de retornar à Carandá foi atropelado pela saída da minha mãe da instituição. Após 30 e tantos anos de trabalho por lá, a saída e aposentadoria não terminaram bem, fechando portas para ela. E a história dela, fez com que a minha mudasse completamente.

No ano seguinte, ainda estudante da graduação, consegui uma vaga como “recreadora” no Centro Educacional Brandão. Lá fui eu aprender a ser funcionária com carteira assinada, com direitos e deveres. Uma escola associada ao jargão “Educando com amor”. Foram cinco anos de muito crescimento. Lá tive parceiras incríveis que regaram meu solo, cuidaram do broto que surgia e se alegravam a cada nova conquista. Logo estava como professora, planejando, criando, aprendendo cada vez mais com os estudantes e a equipe reflexiva que me rodeava. Dona Nazaré, Monica, Bárbara, Cris, Katia, Ciça, e famílias que são presentes em minha vida até hoje. Ali vivenciei o afetar na forma mais bela de sensibilizar e influenciar pessoas.

Nessa época conheci o Espaço Pedagógico e frequentei alguns encontros com Madalena Freire. Ainda não conseguia entender todas suas provocações, tinha travas na escrita porque sempre olhei para os copos meio vazios. Também retornei para a PUC-SP, fazendo um curso de extensão sobre gêneros literários, onde conheci outros educadores.

Saí de lá convidada para fazer parte do projeto maravilhoso de uma escola chinesa. Escola que visitei na graduação e que deixou em mim a impressão de que era um espaço educativo que só faltava o ônibus na garagem para que todos os desejos fossem realizados.

E lá fui eu enfrentar esse desafio. Atravessava a cidade, andava até o quilômetro 27,5 da Rodovia Raposo Tavares todos os dias. Foi um ano muito difícil da minha vida profissional. Não tive parceiras na sala de aula e nem na gestão. Vivenciei pela primeira vez um espaço competitivo, em que não havia parceria, nem a quem dar a mão. Ali, rodeada de pessoas que tinham um discurso diferente da prática, aprendi na dor tudo o que não desejava ser, nem como pessoa, nem como educadora.

Revisitei meu diário de bordo desse período e vi como foi um instrumento usado para controle e avaliação, mais do que para transformação. Motivo pelo qual não via sentido em escrever.

Foi a primeira vez que fui demitida. Estranho ser demitida de um lugar que não se sente parte. Misto de fracasso e alegria.

Foi ponte para conhecer outra escola, não laica, da religião judaica, colégio que me contratou como professora auxiliar. Foi um período de observação, escuta e admiração dos rituais e preceitos que se mesclavam no dia a dia da escola. Uma metodologia menos autoral, mas com enorme valor ao humano. Aqui os conflitos interpessoais na equipe aconteceram a partir da demissão de uma colega e foi quando me deparei com uma gestão que dividia para governar, estratégia maquiavélica de tantos séculos atrás e que ainda é utilizada em algumas instituições. Nesse momento fui me questionando

sobre como se constitui um grupo, para que o grupo é importante na escola. Parte desse grupo segue comigo, em mim, Adriana, Flora, Ida, Carla, Patrícia.
Nem todas as escolas querem docentes perguntadores. Fui despedida no meio do ano letivo. Recém-casada e desempregada.
Diferente da maior parte das pedagogas que conheço, me aproximei dos maiores, mais velhos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental para depois atuar com os mais novos, não chegando ao infantil. Nessa época eu cursava no Instituto Vera Cruz a pós-graduação em Alfabetização, coordenada pela professora dra. Telma Weisz. Estar em contato com o pré (crianças de 6-7 anos), foi um grande motivador para eu conhecer mais sobre as investigações de Emilia Ferrero e Delia Lerner, bem como me encantar pelas hipóteses das crianças. Aqui conheci a Claudia, que me apresentou à Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo.
Cheguei em agosto, no grupo de uma professora que saiu de licença médica. Crianças de 4ª série, que foram sorteadas, parte da comunidade São Remo, outras filhas de funcionários e docentes da Faculdade de Educação da USP e algumas que são filhos de funcionários e docentes da Universidade. Diversidade. A utopia da educação como equidade e possibilidade de transformação de pessoas e da nação.
Fiquei surpresa de encontrar uma escola pouco experimental, com pouco espaço de reflexão e nenhuma ponte com a faculdade que daria seu nome, de Aplicação. Uma escola mista, entre o público e o privado, que me aproximou das questões mais políticas da educação. Escolher livros didáticos e paradidáticos para o ano seguinte, pensar num grupo que nem será meu. Estranhamentos de alguém que estava ali apenas como "tapa-buraco", vendo ações realizadas apenas para cumprir calendário e nada sair da engrenagem. Ampliei meu olhar para as dificuldades que permeiam a educação pública, em que todas as decisões são tomadas em larga escala, para um país continental, com uma rica diversidade. E a política educacional que homogeneíza a singularidade de cada criança, das diferentes necessidades e realidades que temos. A sensação de inflexibilidade e impotência entrou em mim.
Voltei para a bolha da escola privada que me trazia a sensação de que era possível transformar algo. Entrei numa associação que trabalhava com duas propostas: educação privada, atendendo na zona sul de São Paulo, escola de renome e com histórico educacional dentro do que eu acreditava e educação no terceiro setor, atuando como organização não-governamental em bairros periféricos da cidade. Compraram um prédio de uma outra escola e decidiram ali abrir uma Nova Escola.
Encontrei-me com educadoras afetivas, batalhadoras, reflexivas e sobreviventes da prestação de serviço que a educação tem se tornado. Gabriela, Elis, Ana Paula, Marina. Para além da educação bancária, em que a escola é vista como depósito de crianças, adicione o fator de que quem está pagando deseja um retorno, uma certeza que a escola não pode dar.

"É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança."
Provérbio africano

E se mais ninguém quiser ser professor? Aumentam as demandas, diminuem os salários, prestígio já não se tem há tempos. Criam-se receitas, tirando a autoria e reflexão do professor, grandes grupos trazem para dentro das escolas as ideias corporativas, com metas, hierarquias e designs que pouco conversam com o que se espera da educação.
Nasceu Arthur! A chegada de um filho fez eu pensar e desejar uma escola mais próxima daquela que foi minha casa. E assim cheguei à escola que agora estou. Uma escola que foi a antagonista da minha adolescência, com muitos campeonatos de vôlei, handebol e futebol jogados contra o time deles. Uma escola que fazia parte do Grupo – uma associação de escolas que tinham propostas de ensino-aprendizagem próximas – uma escola possível na ausência da sonhada.
Fiz a entrevista de emprego no último dia de aula. Iniciei o ano letivo como professora auxiliar em dois grupos do 5° ano do Ensino Fundamental.
Naveguei entre o 3°, o 4° e o 5° anos, estive como professora auxiliar, professora de práticas inclusivas – que atua mais próxima de crianças que necessitam de algum apoio específico, como professora tutora / regente – a responsável legalmente pelo grupo – e atuando como professora-coordenadora

das áreas de Ciências Humanas e de Matemática, momento em que pensamos no currículo e nas possibilidades de transformar os colegas do mesmo ano, aprofundando os saberes sobre as especificidades do currículo da área.

Esse é meu décimo-segundo ano na escola. Ao meu lado tenho a Paula Takada, a Paula Dellaquila, a Paty Fugi, a Simone, a Denise, a Josca, a Bárbara, Tati Fecchio. Ao longo desse tempo busquei diferentes cursos para ampliar meus conhecimentos acerca dos desafios que apareceram em sala de aula. Fiz uma pós-graduação em Didática da Matemática, formações sobre educação moral e desenvolvimento socioemocional, cursos sobre ferramentas digitais. Sempre na busca de ampliar os meus horizontes, saber o que ainda não sabia, uma passagem, como afirma Deleuze "*aprender é tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro*" (2006, p. 238)

Tive mais dois filhos: João e Bento. Vivi o isolamento social e a escola remota de emergência.

Nesse período, a solidão ficou mais posta aos professores e professoras. Sem o recreio para os encontros e trocas, algumas outras questões foram surgindo. Conheci a A Casa Tombada pela Tati, convidada para a apresentação de seu percurso. Fui picada pelo desejo de compartrilhar caminhos nessas bandas, pois aprendi com Guimarães Rosa que "*é junto dos bão que a gente fica mió*". E me aventurei a entrar nesse barco, na primeira turma a fazer a travessia de cartografar a coordenação pedagógica.

Mas nem sou coordenadora pedagógica, por que fazer esse curso?

DESEJO DE CONHECER OUTRAS FRONTEIRAS.

E nesse caminho invejei os professores que têm a Mônica (a Fujikawa) como companhia. Gostaria de ter tido mais coordenadores pedagógicos que dessem a mão a mim no processo de criação. Confesso que meu planejamento não tem sido compartilhado, há uma neblina de autonomia e confiança no trabalho para que não aconteça esse encontro. E quando há necessidade de fazê-lo, torna-se tão burrocrático que não vejo crescimento. Acabo sentindo as intervenções mais como críticas do que possibilidades de crescimento.

Essa pós tem trazido muitas reflexões, dúvidas acerca do que quero. Tenho sentido um desejo imenso de estar mais próxima de práticas como as que experenciamos por aqui. Quero ter um coordenador (a) pedagógico (a) que eu admire e confie, para que eu possa entregar minhas dúvidas mais genuínas, compartilhando não-saberes e saberes, sem medo do julgamento, sem que meu retorno seja apenas na avaliação de final de ano.

Como não reproduzir esses coordenadores com quem vivi?

Será que tenho uma visão poética do papel deles na instituição?

Não quero ficar fechada numa salinha e ser motivo de silenciamento ao entrar na sala dos professores.

Pode haver afeto e amizade entre coordenadores e professores?

Acho que preciso de outras experiências.

Então fui presenteada com o primeiro encontro com Luiza (a Christov), em que não deixou tardar a construção de um novo percurso. Pensar na escrita acadêmica como a explicitação de achados, a escrita como compartilhamento e comprometimento, porque não vejo o mundo só.

Em nosso grupo de discussão, vimos que em algum momento de nossas vidas acadêmicas tivemos a oportunidade de ressignificar a escrita, porque algum professor deu a mão e não a soltou até que pudesse caminhar sozinhas.

É isso que eu quero! Ter professores assim e ser uma professora assim! Dessa espécie!

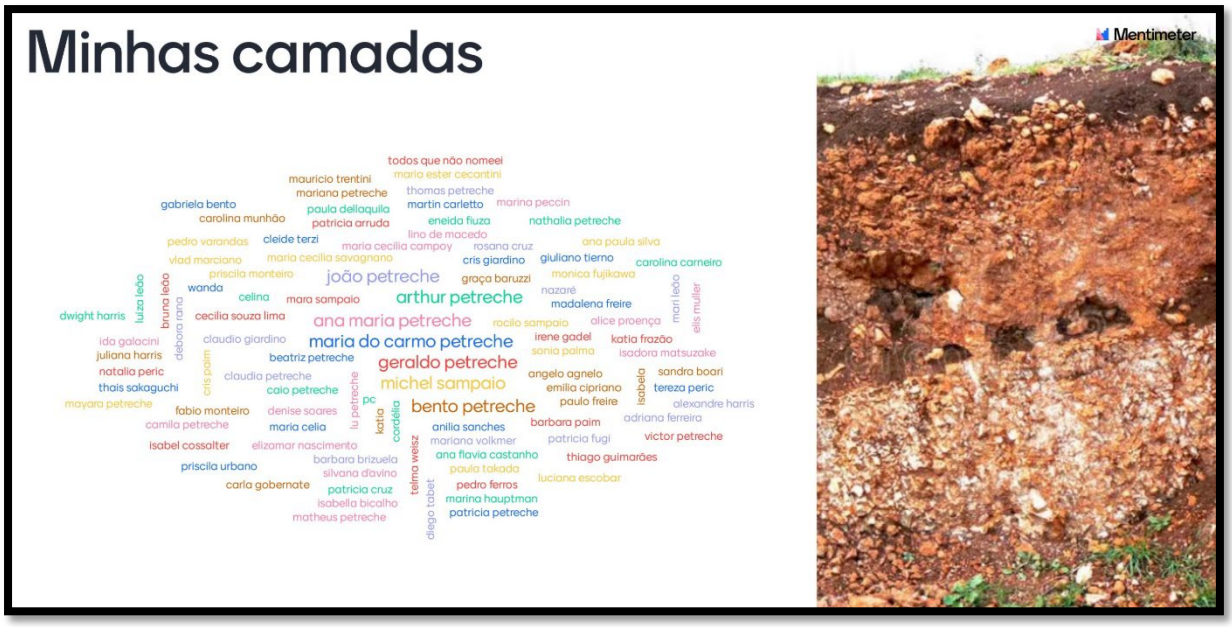
De novo Luiza, em suas palavras traz a crise como transição, como o momento de revirar velhas verdades, de descobrir-se e libertar-se, vejo o quanto me interrogo diariamente, questionando o meu cotidiano.

Em algum momento ela trouxe para a conversa a palavra cisma. E aqui explodiu a minha intenção de fazer essa pós, de refletir sobre a cartografia do coordenador pedagógico.

Eu cismada com a atuação dos modelos que tenho na escola. Nas discordâncias que as ações geram no meu ponto de vista de professora, no desejo que tenho de ter um parceiro e um provocador e a frustração de não ter.

Começo a me ensaiar, a me conhecer, ver o que quero ou não quero ser.

Com a despreocupação que é própria dos começos, decido que 2023 será um novo começo.



Tudo o que conheci, as pessoas que por mim passaram são parte das camadas que me constituem como pessoa, como educadora. Não consigo imaginar como seria se não fosse nascida nessa família, se não tivesse passado nas escolas por onde vivi como estudante e como educadora.

Aos poucos vou me transformando em quem sou, aprendendo pelo estudo, pela prática, pela imitação, até mesmo na certeza de não reproduzir certas atitudes e ações vistas nas escolas. Erro, tento novamente, amplio saberes, compartilho dúvidas. Estou no mar. Ora ao sabor do vento, ora com motor ligado.

Poesia da minha Cartografia

Para uma longa travessia,
como você planejaria?
Quem você procuraria
para fazer-te companhia?

O que importa mais?
A saída?
A chegada?
O caminho?
Ou, na mudança dos ventos,
quem ali te apoiaria?

Entrei num barco-Casa
Que é Nuvem
Que é Tombada
Que é Diálogos.
Uma grande encruzilhada.

Que me acolheu,
mesmo sem ser, eu,
uma coordenadora,
ainda sendo apenas
uma professora.

Nesse tempo pensei
de quem sou formada,
de cada camada
que me apossei.

Fui atrás de minha origem,
de onde eu vim.
E por fim,
ainda em rota,
escrevendo essa Cartografia,
recordo todos aqueles que um dia
me ajudaram a ampliar
minha diretriz,
assumir que sou aprendiz
e sempre estou a navegar
e em minha pele acrescentar
palavras, ideias, somar.

Hoje estão em mim:
Cocozza Simoni, Alvarenga, Gomes da Conceição,
Friedman, Carrieri, Ponzio, Terzi,
Tierno, Holanda Ferreira, Christov, Fujikawa, Proença,
Monteiro, Arruda, Araujo...

E assim,
Vou me constituindo
para outras viagens
ter outros pousos e mais aprendizagens.

(Carol Petreche, 7 de maio de 2022)

Lou (Maria de Lourdes)

Sou a Lou (Lu) que nasceu Maria de Lourdes (só o escrivão e o padre que me batizou, assim me chamaram). Gosto do apelido pois me identifica na trajetória escolar e fora dela.

Ah! A escola! Não cursei a educação infantil e nem entrei com a idade certa para ser alfabetizada, pois as freiras da escola que meus pais nos colocaram (éramos cinco filhos) dizia que eu era muito frágil e delicada para ir para a escola. Meus pais se frustravam ano a ano pela recusa delas em me acolher.

Quando voltávamos para casa queriam que eu comesse e não me mexesse para ver se eu crescia e engordava. Quem sabe...no próximo ano...

Via meus irmãos irem para a escola e ficava imaginando como seria. Enfim chegou o dia e entrei na escola. Apaixonei-me! Era muito legal! Estou nela até hoje e, já se passaram 56 anos do meu primeiro dia de aula.

Digam uma coisa bacana, qualquer delas, que se faça na escola e saberão que, eu fiz! Talvez, por ser um ano mais velha que minha turma, tinha muita facilidade de aprender, fazer artes e resolver problemas. Participava de tudo e era feliz por isto. Na foto abaixo (a 3ª da esquerda para a direita), lá estou eu olhando para o alto e a sonhar. Bastava nos colocarem, na escola, desta forma, que eu tinha a imaginação a voar. Sempre...sempre!

Para garantir nosso estudo, meu pai trabalhava 40 horas, em 3 turnos diferentes, na antiga empresa de energia elétrica, a canadense Light, onde se aposentou como eletricista e; nos horários em que não estava lá, trabalhava fazendo redes elétricas em casas. Os construtores passavam em casa para levá-lo e, esta era a chance de andar de carro. Chorava para ir com ele e aprendi, como sua ajudante, muito sobre ser eletricista. Eu adorava! Fora isto, iriam me encontrar no clube onde eu queria jogar tudo... Hoje penso que seria considerada hiperativa. Será? Ou, como muitos, uma criança que adorava viver intensamente seus dias. Normal! Vivi a vida sempre de maneira intensa e feliz! Hoje, estudando a infância e o respeito para com ela, sou extremamente grata ao respeito dado à minha.

Bem, agora farei um percurso da sala de aula como docente. Aos 14 anos, eu tinha a plena convicção de que seria freira. Amava o Colégio, a Igreja, as freiras. Eu tinha voz de soprano e, assim, acompanhava as freiras que cantavam e tocavam em todas as missas possíveis. De missa de formatura a casamentos e batizados. Nos finais de semana, ia com elas para alfabetizar e catequizar pessoas em bairros bem distantes. Enquanto elas davam aula de catecismo, eu alfabetizava. Nesta ocasião, minha aluna mais velha tinha 84 anos, me chamava de “professora e senhora” e todos nós choramos de alegria quando ela escreveu seu nome sozinha, sabendo o que fazia.

Por estar muito disponível no colégio, ganhei a minha primeira turma, o que seria hoje o 6º ano, para dar aulas de Matemática, pois a professora da turma tirou licença maternidade. Eu estava na 8ª série

(9º ano atual) e dava aulas para esta turma. Hoje penso que isto era muito estranho e não tenho quem me ofereça respostas. Para mim e minha família simples era considerado uma honra.

Fiz o Ensino Médio Técnico e me especializei na Enfermagem. Fui para a Universidade seguindo a escolha do meu irmão, que fazia Química. Formei-me em Química (Bacharel e Licenciatura) na Unicamp e ministrei aulas em escolas públicas e particulares, em Sorocaba. Viajava entre as 2 cidades. Para estudar e para trabalhar.

Terminei o bacharelado e mudei-me com marido e filho para o Rio de Janeiro. Faltavam 2 disciplinas para terminar a licenciatura e, assim, eu viajava semanalmente para Campinas, para finalizar o curso. As aulas eram nas sextas-feiras e eu chegava muito cedo, na Universidade, dirigindo-me para a cantina da Química para tomar café com meu amigo Paulo. Que Paulo?

O Freire. Sim! :) Toda sexta-feira tomávamos café juntos, mas falávamos do cotidiano da vida e da universidade pois ele me dizia que dava aula na Educação e eu dizia que era da Química. Falávamos sobre o Rio e sobre as diferenças nas universidades. Ah! Ele sabia ouvir e falar como poucos.

Entrei no mestrado em Ciências, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e adorei ter aprofundado em uma área de concentração. Ali iniciou meu amor pela pesquisa e pela colheita de ideias de autores que oferecem tanto.

Voltei para o interior de São Paulo passando por Iperó, onde fui trabalhar em um Projeto da Marinha, ARAMAR. Um projeto de construção de um submarino movido à energia nuclear. Trabalhei como Química na Usina de Enriquecimento Isotópico de Urânio e foi uma experiência forte e que me colocava em conflito comigo mesma. Pela questão da energia nuclear em nossa matriz energética e, com a minha linha de concentração de estudos: a natureza e as plantas, área onde realizei o mestrado, no Núcleo de Produtos Naturais, na UFRJ. Com filhos pequenos, decidi resolvi usar meu diploma de licenciatura e fui para a escola pois esta me possibilitava estar um período com eles. Passagem de ida, não é mesmo? Amor à primeira ou segunda vista. Já havia passado por este lugar, mesmo que por pouco tempo.

As cidades foram muitas: Araçoiaba da Serra, Sorocaba, chegando em Jaguariúna, onde estou há 26 anos. Outras cidades e escolas vieram: Pedreira, Holambra, Mogi-Guaçu e Amparo.

Como professora de Química dei aulas em diferentes escolas, sistemas didáticos e diferentes cidades. Com aulas na rede privada e pública, onde efetivei-me. Iniciei um aprofundamento na área do ensino de Ciências, passando por Programas incríveis no Ensino de Ciências, pelo GEPEQ/USP, GREF/USP, CBMEG/UNICAMP. No CBMEG (Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética) estive por três anos participando na formação de professores na popularização do Ensino de Ciências e, voltei para as plantas que amo pois, este Projeto era vinculado ao Genoma Plantas.

Prestei concurso público duas vezes, ingressando na Escola Pública do Estado de São Paulo. Exonerei-me pois não me sentia parte de uma equipe e cada professor fazia o que e como queria. As reuniões, horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) eram desprovidas de sentido e eram burocraticamente preenchidas com leituras de Diário Oficial pela coordenadora ou de determinações vindas de algum ente superior que não desejava saber a minha opinião para nada. Foi muito difícil deixar a escola pública pois ali percebemos o quanto podemos fazer a diferença na humanidade das crianças e jovens. Sofri por abandonar meus alunos pois eu sentia que fazia a diferença na vida deles, usando a minha área de concentração. Porém, o desânimo da equipe de professores começou a abalar minhas convicções de que seria este o lugar onde eu queria estar. Escolhas! Ah! As escolhas! Porém, tive que fazê-las e decidi me especializar em avaliação para entender as provas de seleção para ingresso na Universidade. Sempre fui muito feliz como professora e, sentia-me realizada em contribuir

para que meus alunos tivessem sucesso nos vestibulares, para ingressar na Universidades que eles ou a famílias deles, sonhavam. Não refletia muito sobre isto. Entregava o que acreditava ser necessário e bom.

Porém, duas situações iriam mudar isto. O convite para assumir a coordenação pedagógica de escolas renomadas da região (foram 3 escolas) e, a mudança mais significativa, a 1ª Prova do ENEM, em 1998. Aquela prova apresentou-me um universo de sentimentos contraditórios em relação à avaliação, à escola bancária do qual eu fazia parte, à Inter, Multi e Transdisciplinaridade e desejei voltar a estudar para entender este novo universo que se abriu na minha mente.

Neste cenário, minha mãe faleceu, meu marido descobriu um tumor que nos mergulhou em uma profunda tristeza, nosso filho ingressou na universidade e nossa pequena Júlia, assistia a tudo bastante curiosa e eu, muito assustada. A fé, a esperança teimosa, a certeza de existir para um propósito esteve ao meu lado, agora muito só e todos querendo colo. No estilo Let it go, caminhei. Há poucos anos de aposentar-me, completamente descrédula do tipo de escola em que atuava decidi que eu teria um modelo de escola, no qual acreditava. Diferente de tudo o que vivi como aluna, professora e coordenadora.

Nasce a escola dos meus sonhos! Adoro a narrativa, a história... e é dela e a partir dela que, acredito, nos movimentamos. Li em algum lugar que a história mobiliza a muitos, de diferentes maneiras. Há aqueles que ouvem uma história, outros que participam de uma história e outros... Que fazem a história.

No Villa, meus amigos professores e eu fizemos e fazemos História!! Assim, esta história é nossa!

Tenho que voltar no tempo para contextualizar esta narrativa. A desejar uma escola, prestei vestibular para Pedagogia e ingressei na UFSCar. Foi desta universidade que veio a maior inspiração pedagógica do Colégio da Villa.

Some-se a isto a contribuição de todos que me atravessaram neste caminho e eu me sentia pronta para abrir o Villa. Pronta eu não sei bem, pois hoje, mais do que nunca, reverbera em mim a expressão “só sei que nada sei”!!!

Esta expressão sempre me desafiou e a vida me mostra que ela é muito verdadeira. Mas, eu não tinha medo algum. Coragem para fazer eu tinha. Eu não tinha dúvidas de que saberia fazer uma escola diferente das escolas que conhecia. Na verdade, troco a certeza de daria certo pela clareza de que era possível dar certo. Isto era um propósito...um sonho!

Estávamos em 2010. Iniciamos com o Ensino Médio e chegamos à Escola da Infância, em 2018, com a Escola de Infância, Villa Bambini.

Assim, 12 anos se passaram e como a vida é complexa e nada linear, quem aqui escreve, encontrou neste curso, pessoas incríveis, trajetórias ímpares, pessoas fortes e corajosas e, eu deixei o Villa para me dedicar a encorajar professores, coordenadores, diretores e escolas a buscarmos novas referências. Abri um Instituto, o Villa Formare e meus sócios do Colégio financiaram-no para mim. Grandes amigos! Eles ficam com o Colégio e eu com o Instituto. Quero me dedicar à formação de professores. Neste momento, decidi olhar este lugar da coordenação pedagógica, nas Casas que nos acolhe. A Casa Tombada e a Casa Diálogos apresentaram-me nestes 18 meses, novos seres de luz nesta vida que amo. Com este grupo de trabalho e inspiração, desejo que nos manifestemos contra os programas padronizados de educação que parecem pisar a inteligência do professor e não

considerar a individualidade da criança, com atividades programadas no lugar de propostas pedagógicas compartilhadas e [Co]construídas; com um currículo linear no lugar de um currículo emergente e contextual.

Enfim, encerro com uma frase que gosto muito.

> *"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar".*
>
> Eduardo Galeano

Tacila

> *"Eu sou uma pergunta... Sou tudo o que não tem explicação.*
> *Sou alguém em constante construção."*
> Clarice Lispector

Meu processo de formação começa aos 6 anos de idade, com minha professora da Prontidão (o nome declarado na época para a turma dessa faixa etária). Minha professora se mostrava ousada, feliz, sorriso que eu guardava no coração. Ensinava com amor e muita dedicação. Ela foi a minha primeira grande influência para ser educadora, Neuraide Rezende. Aproveito para aqui homenageá-la pela sua morte que foi no ano passado, infartou em uma sala de aula. Já atuava na supervisão de ensino da cidade, mas tinha retornado à sala de aula para ajudar seu esposo na conquista de um sonho antigo de estudar Medicina.

Segui meu percurso escolar com o desejo de ser professora. Encontrei outras tantas educadoras amorosas na rede pública de ensino que me afetaram e influenciaram a esse processo de busca por uma educação mais amorosa, acolhedora e ampla.

Quando eu estava na 8ª série, decidi prestar o vestibulinho para o CEFAM e passei em 11º lugar. Entrei e ali foi minha maior escola de vida. Quantos educadores especiais eu descobri naquele lugar. Pessoas fortes, apaixonadas pelo que faziam, comprometidas e extremamente influenciadoras para nós, educadores em formação, tão jovens.

Comecei os estágios e era isso mesmo o que eu desejava. Porém, sempre dizia para os professores que eu faria diferente do que eu via na maior parte das vezes. Vi muitas práticas que não considero boas, muitas crianças abandonadas, professores poucos comprometidos e alunos solitários.

Me formei no CEFAM e após um ano, fui fazer pedagogia na faculdade privada de Mogi das Cruzes SP. Nesse tempo comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil parecida com creche e hotelzinho, com um olhar mais assistencialista. Fiquei ali testando as possibilidades iniciais da minha prática inicial.

Num final de semana, eu estava passeando na casa de uma amiga e vi uma escola inaugurando na minha cidade, num bairro um pouco mais distante. Era uma escola linda! Com vidros, cercas vazadas, espaços muito bem equipados, um sonho! Porém eu me via muito pequena para atuar numa escola como aquela.

Um tempo depois, encontrei uma colega do CEFAM na faculdade e ela estava com um uniforme diferente, muito bonito. Eu então perguntei que escola era aquela. Ela me disse que era a escola que eu tinha visto inaugurar e que eles estavam contratando estagiários, se eu não tinha interesse. Eu então fui fazer uma entrevista e ingressei rapidamente nesse espaço.

Essa escola, Pueri Domus unidade Aruã, foi um momento muito especial e marcante na minha trajetória. Ali eu tive contato com pessoas muito sabidas e muito generosas, que me ensinaram demais. Tive assessoria e conheci pessoas especiais demais como: Monica Fujikawa, Débora Vaz, Cleide Terzi, Telma Vinha, Luciene Tognetta, Eloisa Ponzio e outros tantos.

Depois de um ano e meio assumi minha primeira turma como professora titular da Educação Infantil e depois de alguns anos, do Fundamental I.

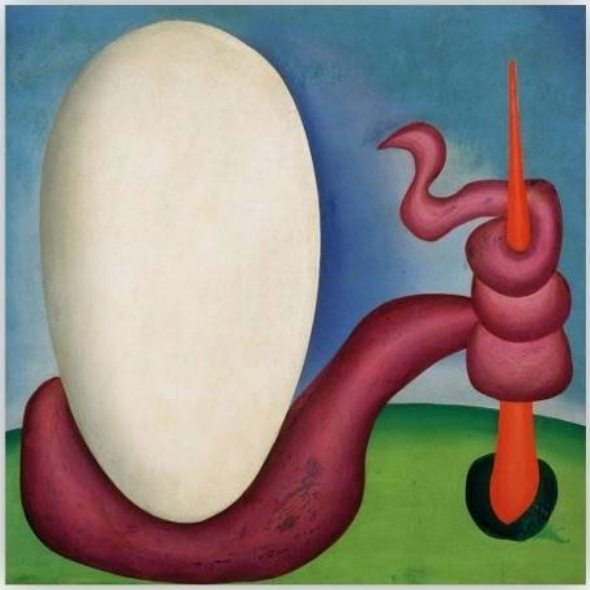
Ali eu aprendi que a educação se faz em pares e em trocas. Que a escola é um espaço formador de pessoas, não só de alunos/ crianças.

Ali fiquei por 7 anos e também fui conhecendo pessoas que me apresentaram um outro espaço escolar na minha cidade, com uma linha pedagógica humanista fenomenológico, que é a escola na qual atuo hoje como coordenadora.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.
Paulo Freire

Em todo o meu processo inicial de trabalho, me senti oportunizada e privilegiada por ter espaço para criar, errar, ser orientada, experimentar oportunidades e me construir como educadora. Meu processo formativo foi lindo! Sou tão grata a Fernanda, Renata, Adriana, Rita, Ana Paula, Déborah, Grazi e tantas outras pessoas que me passaram nesse tempo, que compartilhavam comigo leituras, produções de alunos, pautas, relatórios, atividades, sequências didáticas, avaliações e textos com tantos tesouros e me apresentavam a escola e suas riquezas.

Piaget diz que o ser humano é ativo na construção de seu conhecimento e não uma massa 'disforme' a ser moldada pelo professor. Da mesma forma eu acredito que o educador é ativo na construção TransFormativa de sua prática e responsável por sua trajetória formativa. O professor se forma pesquisador por meio dos educadores pesquisadores com os quais se depara em sua trajetória inicial e, mais que isso, à medida que dá ouvidos às suas angústias como motivadores de sua construção profissional e pessoal.



O ovo ou Urutu – Tarsila do Amaral (1928)

Pra mim, esse é o processo: nesta tela temos símbolos muito importantes da Antropofagia. A cobra grande é um bicho que assusta e tem um poder de "deglutição". A partir daí, o ovo é uma gênese, o nascimento de algo novo e esta era a proposta da Antropofagia. É tempo do medo, do susto, da insegurança da escrita e no nascer. Nascer é necessário, mas traz medo, inseguranças, incertezas. Escrever pra mim é construção, é aprendizagem, é processo.

Interessante ler e refletir sobre os caminhos percorridos por cada uma de nós e constatar que há pontos importantes que são fundantes em todos eles.

1. A presença da vida, da família, inseparável do educador que cada uma de nós é;
2. A importância do outro, da troca, da pergunta, da experiência de conviver;
3. A certeza de que sempre haverá novos conhecimentos e aprendizagens a serem feitas.

A cada camada que aprofundamos em nós mesmas, vamos nos reCONHECENDO e reAPRESENTANDO, alargando o conhecimento sobre como aprendemos e o que nos mobiliza a continuar na caminhada.

Qual o problema?

Na busca por compreender o problema que deflagramos, vivemos um percurso de compartilhamento cheio de significados para cada uma de nós. Fomos entendendo que seria necessário aprofundar cada vez mais para entender o porquê a formação docente se colocou para nós como o problema. Momentos que refletimos juntas e momentos que sozinhas nos colocamos a escrever. A cada camada que escavamos, fomos trazendo possibilidades de soluções, compartilhando mais ideias e pensamentos.

Nossa professora leitora, Renata Araujo, foi fundamental em suas problematizações. Foi nos fazendo perguntas que foram trazendo cada vez mais perto da essência que nos unia, apesar de todas nossas diferentes realidades.

Pensando na etimologia das palavras, em nossa breve primeira conversa já saltou a pulga em nós....

FORMAR – do Latim forma, "aparência, aspecto, contorno, padrão", possivelmente do Grego morphé, "aparência externa, beleza, aspecto".

Como poderemos falar sobre a formação do docente pesquisador, se pensamos que é na tecitura do outro que se dá a transformação, o movimento? Então abandonamos essa palavra para buscar outra que estivesse mais próxima do que estamos buscando, que revele mais o que acreditamos acerca dos encontros que acontecem na escola e como através da forma de cada indivíduo, vamos tramando os saberes e os sabores na convivência, ampliando o conhecimento e realizando novas aprendizagens.

TRANSFORMAR - Vem do Latim TRANSFORMARE, "fazer mudar de forma, de aspecto", composto por TRANS-, "através", mais FORMARE, "dar forma".

TECER – do Latim texere, "tecer, tramar", de uma raiz Indo-Europeia teks-, "fazer". Note-se a comparação feita de uma conspiração com a urdidura de um tecido, com os fios se entrelaçando e gerando um resultado com consistência própria.

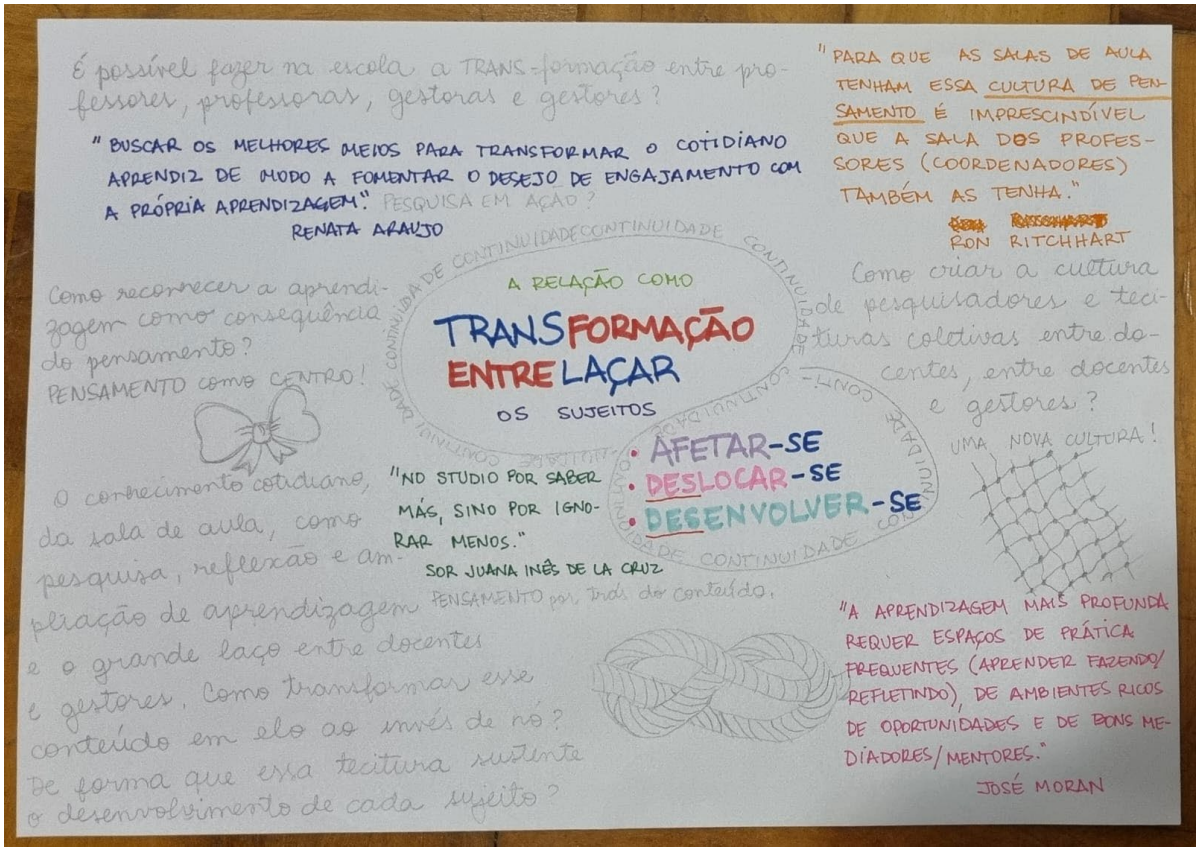
Fomos alterando a nossa rota nesse caminhar. Precisamos trazer nosso olhar para o coletivo, desse grupo de aprendizagem.

Fomos convidadas a pensar sobre nosso pensamento e as questões que já habitavam nele. Que questão está no centro? Quais os focos que estão no entorno? Que hipótese já existe?

Cada uma de nós partiu para registrar o que estava pulsando dentro. Muitas perguntas vieram para fora e foram publicadas.

Serão todas respondidas? Não.

Mas nos ajudarão a traçar o caminho que nos é comum e que desejaremos seguir juntas.



Imbernón, 2010, p.51, fala sobre a importância de correr risco, aprender com a experiência, lidar com a ideia de que não existe apenas uma solução, e qualquer solução precisa ter como finalidade uma educação para as máximas qualidades humanas, primando pelos princípios éticos, políticos e estéticos. Assim, vamos nos entrelaçando na busca pela ressignificação dos passos formativos que precisam estar em evidência para uma aprendizagem significativa e com excelência.

Jorge Larrosa, nos apresenta uma ideia bastante instigante sobre a experiência, em especial que é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. Neste sentido, a formação do professor pesquisador se faz tão emergente, primeiramente, porque os professores necessitam viver a experiência da pesquisa, da vivência, do sentido, do toque. Depois, mergulhar num processo singular de autorresponsabilidade sobre o impacto que o seu trabalho tem dentro do ambiente escolar.

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende, como traz Guimarães Rosa. Nós aprendemos a todo instante, porém, como vivemos em um mundo informativo, em que a informação está a todo o momento disponível, falta espaço para a experiência. Seguindo as ideias do autor, a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Essa reflexão nos leva a compreender e materializar o quanto é necessário colocarmos o professor para viver a experiência da pesquisa, da reflexão, do achado, da dúvida, do questionamento, pois, sem experiência, seguiremos imersos num processo automático e sem sentido.

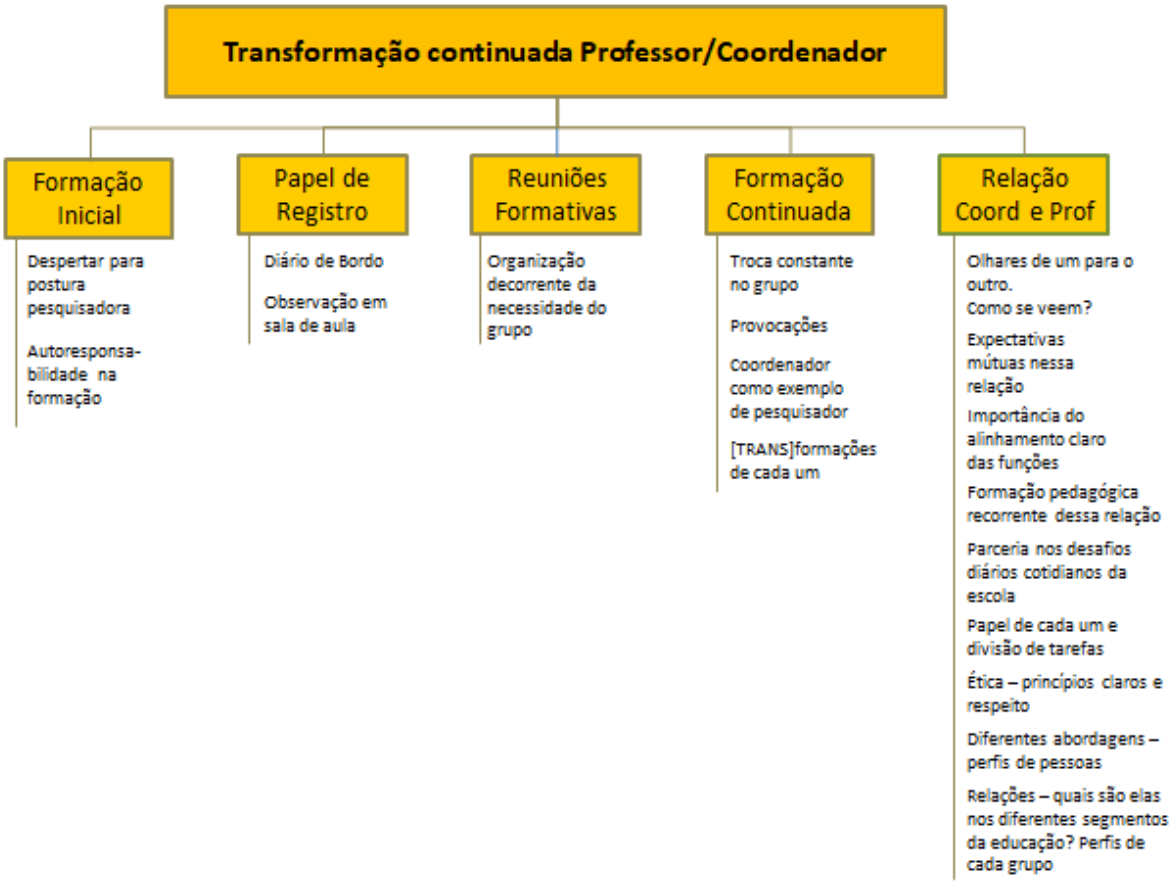
E assim, a relação pedagógica do coordenador e do professor vai se constituindo, sendo tecida por uma interação experiencial que se faz tão necessária. É importante estabelecer uma cultura de grupo aprendente assumindo-se como um educador-autor-investigador-pesquisador-socializador da própria prática pedagógica, na construção competente e consciente da profissão docente. Como nos

propõe Maria Alice Proença, numa tessitura descrita por ela em que concretiza o professor como autor de seus percursos (auto)formativo e (trans)formadores.

Vitor Garcia Hoz, importante catedrático da pedagogia experimental já dizia: A educação personalizada fundamenta-se na consideração do ser humano como pessoa, e não simplesmente como um organismo que reage perante os estímulos do seu meio, mas, principalmente, como um ser escrutinador e ativo que explora e muda o mundo que o rodeia.

Para onde queremos olhar deste percurso? O que temos domínio? O que nos falta? O que sabemos? Assim, vamos escrevendo com os olhos do engajamento e da busca, sem o tom do julgamento, com afetividade consigo e com o outro, que também está em busca de algo. Mas para isso, é preciso anunciar o que está dentro de si, sob a perspectiva do que está sendo vivenciado/experenciado. A pesquisa é do pesquisador, daquele que investiga e interage com o saber do desconhecido.

Uma possibilidade de sistematização é apresentada no organograma abaixo:



Acreditamos que os coordenadores devem criar condições para que os professores desejem e sejam capazes de olhar criticamente sua experiência educativa, procurando sentidos para a sua prática docente.
Este sentido passa pela clara intenção de: o quê, para quê e para quem se ensina. A autonomia do sujeito, coordenador, professor e aluno, definida como a competência para se desenvolver como participante ativo e determinado, socialmente responsável e criticamente consciente em ambientes educativos, visando a escola como um espaço de emancipação pessoal e transformação social.

Escovando nossas perguntas na tentativa de encontrar **nosso problema**, outras perguntas foram sendo trazidas à conversa.

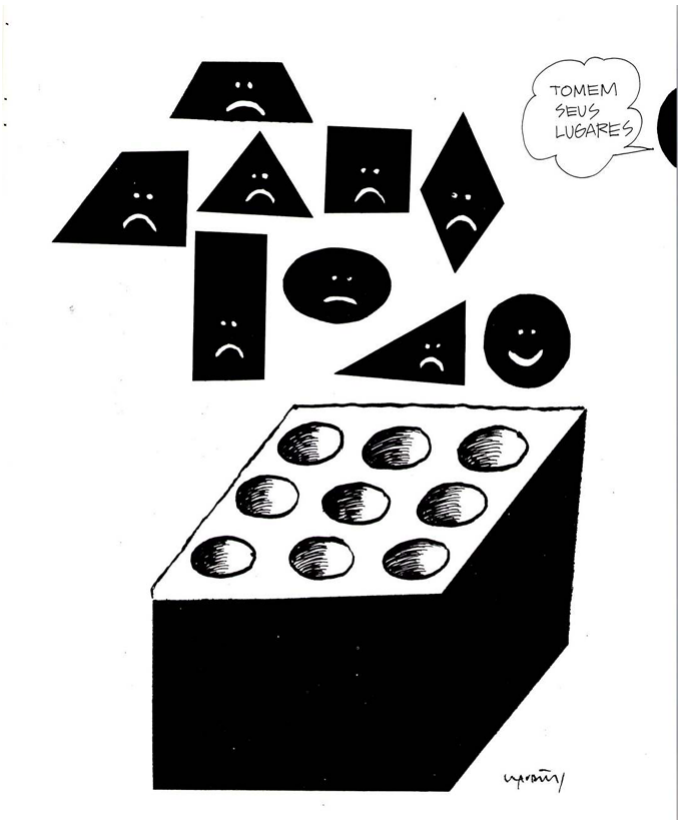
Quem é o responsável pela formação? Formação do professor e a formação do formador.

Como constituir um espaço de (trans)formação na escola de forma que seja transitiva, legítima e coletiva?

Como transformar o espaço de aprendizagem para que o espaço da formação e o formador sejam o local entre, que aprender juntos seja o lema?

Nesse momento conseguimos trazer à tona o nosso problema: a escola não se coloca como espaço em transformação e de transformação.

É sabido que a formação inicial básica é deficiente, além de acreditarmos que aprender é para sempre. Todo conhecimento e experiência são datados. Sabemos que é preciso que aconteça uma mudança da sociedade, do pensamento acabado.



Cuidado, Escola. p. 72

Lembrar que as instituições são formadas por educadores que têm percursos únicos e singulares, que ora são traduções de caminhos percorridos com intencionalidade, ora por caminhos percorridos na possibilidade. Há de se ter um local para além do empregador para transformar a docência, espaços que sejam abertos ao conhecer, ao investigar, as possibilidades de fazer diferente, de pensar para além dos muros da escola.

A história de cada uma de nós é o registro de que a formação acontece no cotidiano, em todos os momentos e não somente na instituição que trabalhamos. Então há mais caminhos que precisam ser olhados pelos educadores para que possa escolher o trajeto a seguir.

É preciso ter a consciência e a clareza de que a continuidade da aprendizagem dos professores e gestores se faz necessária no cotidiano, pois estamos em constante movimento. As mudanças e transformações acontecem a cada dia na escola, nas famílias, na sociedade.

Reconhecer essa fragilidade abre caminho para pensarmos em ações possíveis para transformar a realidade. Pensar sobre o que os professores precisam aprender, em como criar grupos de aprendizagem.

*"A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual **alguém se deixa influenciar a si próprio**, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, **a constituição desse próprio alguém**, e a prova e desestabilização e **eventual transformação desse próprio alguém**. Por isso, a experiência formativa, da mesma maneira que a experiência estética, é uma chamada que não é transitiva. E, justamente por isso, não suporta o imperativo, não pode nunca intimidar, não pode pretender dominar aquele que aprende, capturá-lo, apoderar-se dele. [...]"*

(Jorge Larrosa, 2015 p. 53)

Esse tema nos move por percebermos em nossas diferentes realidades, educadores muito passivos quanto a suas práticas de pesquisa e dificuldade na escolha de seus trajetos profissionais. Pessoas que deixam nas mãos de seus professores ou empregadores seus processos de formação continuada.

Entendemos a coletividade da escola enquanto equipe, porém, o professor e o coordenador necessitam ser autores e responsáveis pelos seus percursos de pesquisa e aprendizagens. É sobre esse despertar interno de cada um para uma busca mais fiel ao processo de cada um bem como a responsabilidade de pesquisa de cada educador, que buscamos propor reflexões.

O que defendemos

Reconhecer a comunidade de Aprendizagem

É preciso que a escola promova espaços de reflexão que façam sentido. Que a escola seja o espaço de desenvolvimento humano.

> *"Apesar de a escola ser considerada o lugar privilegiado para desencadear ações formadoras, estimular transformações e avaliar o alcance de suas intervenções no resultado do processo de ensino aprendizagem, é necessário discutir as adequações dessas práticas de formação nos contextos próprios de cada realidade escolar, pois mesmo considerando certos avanços, há ainda uma tradição consolidada de descontinuidade e fragmentação nessas ações."*
> Cleide do Amaral Terzi e Mônica Matiê Fujikawa, p. 3 (Como reverter planejamentos de trabalho de coordenadores em oportunidades formadoras?)

A partir disso, entendemos que para refletir sobre estes profissionais, professores e coordenadores no espaço da escola, podemos construir um mapa do que chamaríamos de Comunidade de Aprendizagem:

"Aprendizado" *vem do Latim APPREHENDERE, "agarrar, tomar posse de", de AD-, "a", mais PREHENDERE, "pegar, agarrar". O sentido metafórico é "agarrar com o conhecimento, com a mente".*

Aprendizagem: *Ela vem de aprender, de ad, "junto" mais prehendere, com o sentido de "levar para junto de si", metaforicamente "levar para junto da memória".*

Aprendizagem para Vygotsky

A criança nasce com funções psicológicas elementares e que com o aprendizado da cultura e as experiências adquiridas, essas funções tornam-se funções psicológicas superiores, que são o comportamento consciente, a ação proposital, capacidade de planejamento e pensamento abstrato

*Governo: MEC, SEEDUC, SMEDUC.

A escola que acreditamos ser possível se traduz em uma Comunidade de Aprendizagem. Uma comunidade aprendente.

Uma comunidade que irá oferecer o olhar sensível e cuidadoso para o aluno e pensar que ele e o seu desenvolvimento é o que necessita ser respeitado. Mudar a pergunta sobre o papel do professor onde se questiona como ele ensina, para o questionamento de como o aluno aprende.

Desta forma, o olhar do(a) professor(a)de será de respeito às diferenças, e de pesquisa sobre as diferentes formas de apresentar o mesmo conteúdo traduzindo o que entendemos de equidade. Oferecer diferentes estratégias para diferentes pessoas, visando que todas tenham a mesma oportunidade.

A aula, este encontro mágico do cotidiano

Há uma frase que deve nos inspirar neste encontro diário, na sala de aula:

"Para mim, uma aula é emoção!
É tanta emoção, quanto inteligência.

Sem emoção, não há nada, não há interesse algum."
Gilles Deleuze

A aula com emoção que irá se traduzir em conceitos com significado e desta forma serem internalizados.

Toda a rede de apoio de uma escola (diretores, gestores, colaboradores) deve se responsabilizar para proteger este momento mágico, este encontro que denominamos de AULA! Onde o professor e o aluno irão co-construir uma linha de raciocínio até o momento em que o que está se falando, faz

sentido para ele. Está aqui a magia, ele acabou de aprender algo que não sabia e, a partir desse momento, vai passar a fazer parte do seu conhecimento. Neste momento, da socialização deste conteúdo, ficamos todos iguais e formamos um grupo. Um grupo que aprende e que ensina. Uma comunidade aprendente.

Para contextualizar nossa proposta de formação do professor-pesquisador com o apoio do coordenador apresentamos os contextos do MACRO para o micro encontramos ressonância na voz de Julia e João Formosinho (2013).

A Pedagogia Participativa e a Homologia de Processos

A pedagogia é um espaço "ambí- guo", não de um-entre-dois – a teoria e a prática – como alguns disseram, mas de um-entre-três – as ações, as teorias e as crenças – numa triangulação interativa e constantemente renovada. *Convocar crenças, valores e princípios, analisar práticas e usar saberes e teorias constitui o movimento triangular de criação da pedagogia.*

Diferentemente de outros saberes, que se identificam pela definição de domínios com fronteiras bem definidas, a pedagogia como construção de saberes praxiológicos cria-se na ambiguidade de um espaço que conhece as fronteiras, mas não as delimita, porque a sua essência está na integração.

Mas há dois modos essenciais de fazer pedagogia – o modo da transmissão e o modo da participação A pedagogia da transmissão centra-se no conhecimento que quer veicular, a pedagogia da participação centra-se nos atores que coconstroem o conhecimento participando nos processos de aprendizagem.

O contraste entre estes dois modos principais de fazer pedagogia faz-se analisando: os objetivos que cada um propõe; a imagem de criança que pressupõe; a imagem de professor que propõe; o processo de ensino-aprendizagem adotado; o espaço de aprendizagem criado; o tempo de aprendizagem vivido; as atividades e projetos desenvolvidos; as aprendizagens realizadas e documentadas; a cultura do envolvimento das famílias, a preocupação com a diversidade e a inclusão.

Para a formação do professor-pesquisador e ação do coordenador, usaremos a proposta da Pedagogia Participativa de Julia e João Formosinho, descrita para professores/crianças, em um processo de homologia de processos para a ação coordenadora, junto aos professores.

Aliás, se o professor não foi um aluno dentro desta perspectiva, esta é uma grande oportunidade de aprendizagem e formação em contexto, que defendemos. A grande responsabilidade do coordenador neste processo de transformação do professor será dividida com estes maravilhosos autores que nos acompanham nesta colheita de inspiração.

A democracia

A democracia está no coração das crenças, valores e princípios da Pedagogia Participativa. Assim, devemos organizar as escolas de forma que a democracia seja simultaneamente um fim e um meio, isto é, esteja presente tanto no âmbito das grandes finalidades educativas como no âmbito de um cotidiano participativo vivido por todos os atores.

Segundo Dewey (1939) *apud* Formosinho (2013), a democracia é mais do que uma forma de governo, é uma forma de viver em comunidade, de experiência comunicativa e partilhada. É um modo de viver sustentado por uma crença profunda nas possibilidades da natureza humana.

Verbos, substantivos próprios ou não, adjetivos e todas as classes gramaticais são convidadas a se apresentar para oferecer o seu melhor para esta ambiente transformador.

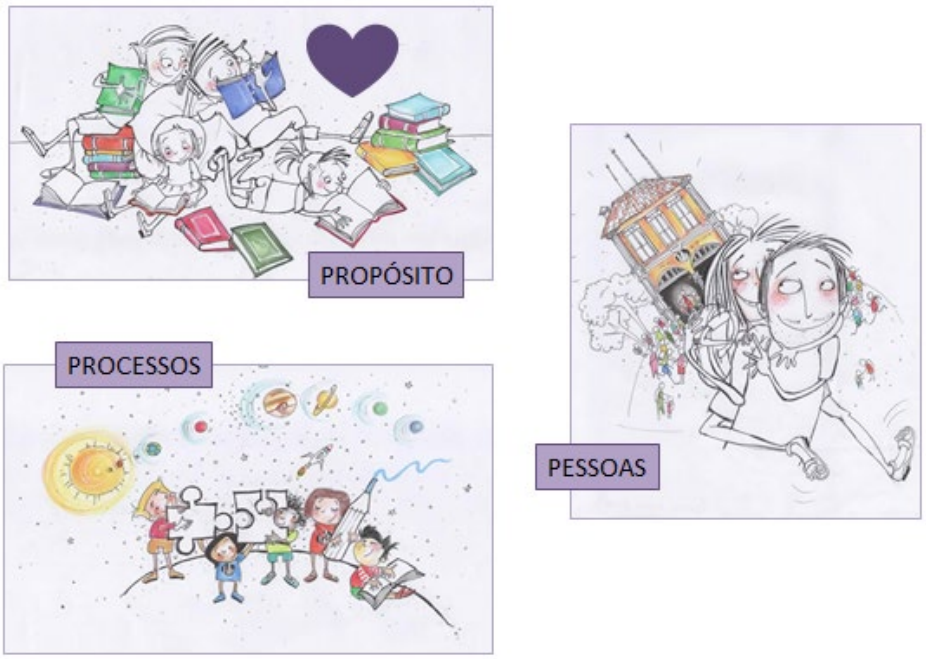
E escola e a educação ética, estética, política e poética se reúnem para mais um encontro.
O coordenador, em sua contribuição à formação do professor que pesquis_a_dor de cada aluno e oferece a ele oportunidades de felicidade e desenvolvimento humano, tem a nobre missão de cuidar, ouvir, escutar empaticamente, acolher e permitir um olhar cuidadoso e um sentimento nobre de acolher e junto com ele, buscar as melhores soluções para cada estudante, para cada educador, para cada um que faz parte da comunidade.

> *"Há entre o olhar e a escuta um **vínculo afetivo** que se instaura no ato mesmo de dialogar em uma complexidade tal que abre espaço para cuidar do outro, para que, em confiança, ele se expresse."*
> (TERZI, 2018, p. 14)

Vale lembrar que para que possamos ser coerentes e fiéis à proposta de escola que apresentamos, a coordenação deve estar atenta à três eixos que permeiam e orientam a escola: o **PROPÓSITO**, os **PROCESSOS** e as **PESSOAS** envolvidas para esta formação continuada do professor e, por que não, do nosso aluno. Considerando a homologia de processos, propomos inserir a proposta de formação continuada do coordenador ao professor, em contexto e não de forma transmissiva, sinalizando que aquela estratégia ou forma de ação, se eles consideram afetiva, efetiva e significativa, utilizem com seus alunos.

A formação permanente do professorado requer um clima de colaboração e sem grandes reticências ou resistências entre o professorado (não muda quem não quiser mudar, ou não se questiona o que faz aquele que pensa que está muito bem), uma educação minimamente estável nos centros (respeito, liderança democrática, participação de todos os membros etc.) que dê apoio à formação, e uma aceitação que existe uma contextualização e diversidade entre o professorado e que isso leva a maneiras de pensar e agir diferentes. Tudo isso contribui para conseguir uma melhoria na aceitação de mudanças e inovação de práticas. (IMBERNÓN, 2019, P.26)

Desta forma, ao delegar responsabilidades, os educadores estarão prontos para atuar na [TRANS]formação de seus alunos e, de si próprio.



Meri, 2022

Aqui descrevemos brevemente cada um deles e sua participação no contexto escolar:

PROPÓSITO: Aqui vamos falar o que nos move e alimenta. O porquê nossa escola existe não muda diante de conflitos, dos reveses e dos desafios. Para cuidar do propósito temos que ter visão de futuro, para saber em que lugar queremos chegar, conhecer as metas e desafios e garantir o consenso, Tomar muito cuidado com uma rotina alienadora.

PROCESSOS: O(s) processo(s) nos diz como precisamos fazer para atingir a meta. Todos são convidados para desenhar estes processos, pensando na melhor forma para o aluno.

PESSOAS: As pessoas são o alvo para quem fazemos e com quem fazemos. Uma comunicação ruim gera desconhecimento e poder surgir a intolerância que irá comprometer os processos e, por fim, o propósito.

TRANSformação

Nessas investigações, reflexões e mergulhos que temos feito, nos perguntamos sobre o que nos motivou a sermos educadoras, a acreditar na possibilidade de mudança da realidade a partir dos encontros entre estudantes, professores, gestores, educadores nos ambientes escolares.

A escola é um ponto de encontro entre adultos, crianças e adolescentes de famílias diferentes, com diferentes visões de mundo e realidades específicas, e a convivência com pensamentos que não são os nossos ajuda a desenvolver a personalidade, analisar diferentes pontos de vista e, argumentar sobre o objeto de conhecimento. A socialização que ocorre na escola é organizada para que todos e todas interajam e aprendam com pessoas diferentes, com orientações diferentes e com realidades distintas.

Como receber os novos educadores nas instituições de ensino e, apesar da diversidade trazer a cada um deles a essência de um projeto político e pedagógico?

De que forma vamos aprendendo ferramentas ao longo de nossa trajetória para nos fortalecermos na construção de boas propostas de ensino e aprendizagem?

Ao longo de nossa escrita viram que ela é carregada de metáforas. Etimologicamente, metáfora deriva da palavra grega *metaphorá*, por meio da junção de dois elementos – meta, que significa sobre, e pherein, transporte. Podemos então entender metáfora como transporte do sentido próprio para o um sentido figurado. Então aqui pedimos licença para falar sobre os bambus, transportando-os posteriormente para a escola, como caminho para a transformação que desejamos.

As sementes de bambu, precisam de rega constante para que ocorra a germinação. Quando o broto começa a despontar na terra, logo vemos surgir outros brotos nas proximidades, mostrando a força do coletivo.

A atenção à irrigação do solo e das boas condições continuam para que as novas plantas se desenvolvam e cresçam. É esperado que no primeiro mês elas cresçam uns 10 centímetros. Após esse período já é possível transplantá-las com segurança.

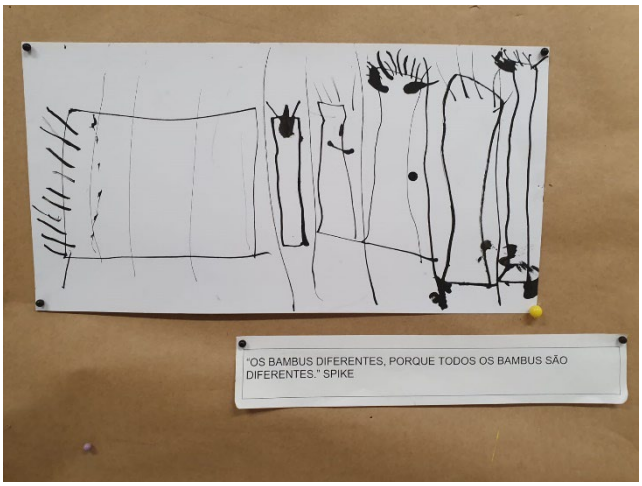
Quando as plantas tiverem aproximadamente dois a três meses começarão a surgir novos brotos de bambu cada vez mais grossos e assim sucessivamente à medida que as raízes vão desenvolvendo.

Plantas novas, com um ano de idade, variarão em altura entre 30 e 60cm.

Será o tempo, o crescimento, o meio que está e as adversidades do clima que farão com que ele se fortaleça e vá cada vez mais para o alto.

Ao olhar para um bambuzal de longe, achamos que é uma única árvore, mas ao nos aproximarmos, vemos a singularidade de cada uma das plantas que o compõe.

As transformações que vão acontecendo nas trajetórias docentes são possíveis de serem relacionadas ao crescimento do bambu.



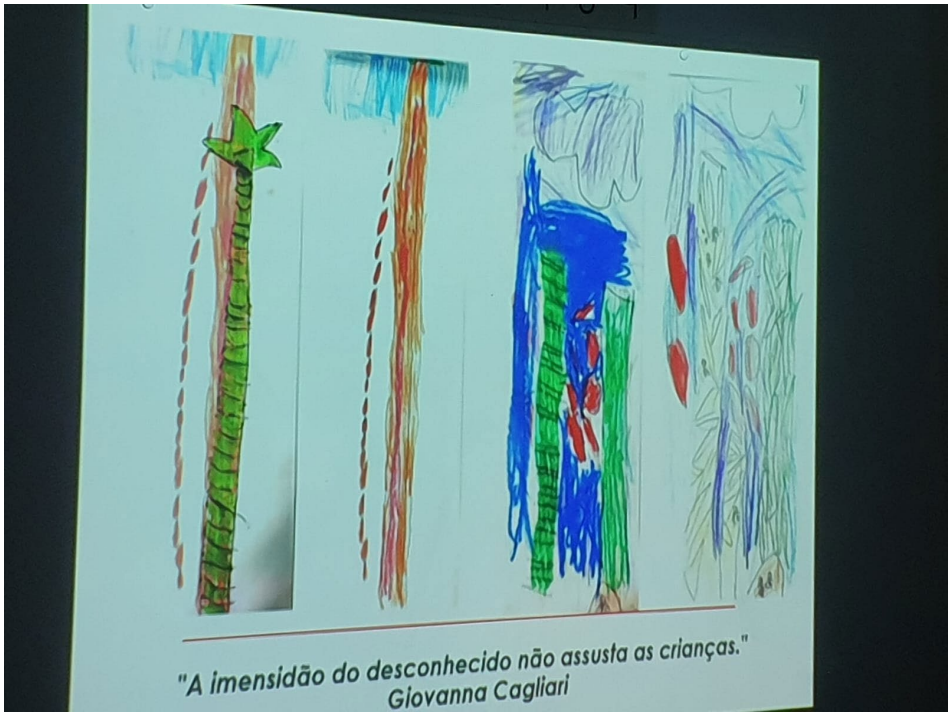
Os profissionais que se dedicam à educação saem das universidades como as sementes de bambu, com uma enorme potência e desejo de germinar, de viver e crescer. Para isso precisam da rega e cuidado constantes.

Entretanto, não é o que vemos acontecer em nosso país. É muito comum que, ainda em período universitário, o educador já seja empregado como estagiário e dele sejam exigidas competências que ainda não possui. Dessa forma, vemos que as sementes não ampliam suas raízes para que possam crescer cada vez mais, pois ficam em busca de recursos para sobreviver, circunscritos ao que já conhecem, sem possibilidade de investigar outros solos, outras vitaminas.

Além disso, precisam estar rodeados de outras plantas que ajudam e protegem seu crescimento, possibilitando que vá engrossando e preparando-se para as diferentes temperaturas e condições que virão. Aqui vemos a importância do contato com coordenadores pedagógicos atentos, com escuta afetiva, sensível e sem pressa, além de pares para que possam trocar medos, dificuldades e esperanças, criando como o bambu os nós que o fazem crescer e fortalecer.

> "*No processo de fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um "sine qua" da comunicação. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la*. (FREIRE, 1998, P.131)

Os bambus são ocos. Parecem frágeis, mas é no vazio que se forma que se tornam capazes de armazenar sua força. Assim deveriam ser os educadores, com espaços ocos para que sempre tenham espaço para as novas informações úteis que vão descobrindo ao longo do percurso e que o ajudarão a se desenvolver.



Os bambus crescem sempre para o alto, sem preocupar-se em criar galhos, mas aprofundando suas raízes, criando rizomas que permitem que ele se sustente cada vez mais. Há estudos que mostram que o mesmo tamanho que ele cresce para o alto, ele crescerá para baixo.

Assim devemos ser, os educadores. Sem nos assustarmos com a altura que podermos chegar, com a imensidão que conheceremos, apenas com a certeza de que se nos nutrirmos, teremos estrutura para nos desenvolvermos e transformarmos.

Na educação vamos dando as mãos aos pensadores e aos parceiros para nos fortalecer.

E com essa ideia de sermos sempre um bambuzal que finalizamos essa jornada com a proposta que verão a seguir.

"Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. "(DELEUZE, 1992, p.18).

Nesse caminho

"Escola é...
o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de ´ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se ´amarrar nela´!
Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz"

Paulo Freire

Formação coletiva

Neste sentido, acreditamos que a escola precisa garantir a formação coletiva do professor e do coordenador pedagógico.

Porém, esta formação, para nós, deve ser dentro de um processo de COCRIAÇÃO, pois entendemos que a liderança que tudo resolve, acreditando que deve ter as respostas para tudo, neste mundo complexo e não-linear, não possui mais significado.

Queremos acreditar que esta mudança é possível, substituindo a liderança (coordenação) ***"herói"*** para uma liderança (coordenação) ***anfitriã***. (WHEATLEY, 2006)

Por que continuamos esperando por heróis? Vamos mergulhar em uma ***liderança anfitriã***. Seja você coordenador, com seus professores, seja você professor com seus alunos.

Ser um coordenador/professor-anfitrião é ser sincero o suficiente para admitir que não sabem o que fazer o tempo todo ou ter a melhor solução para todas as situações. É partir para comunicar que confiam na criatividade e compromisso de outras pessoas para realizar o trabalho. Eles sabem que outras pessoas, não importa onde estejam na hierarquia de uma escola ou organização, podem ser tão diligentes, motivadas e criativas quanto o líder, dado o convite certo.

Ser um coordenador-anfitrião é saber que pessoas voluntariamente apoiam as coisas que ajudaram a criar, que você não pode esperar que as pessoas 'comprem' os planos e projetos desenvolvidos em outro lugar. Ser um coordenador-anfitrião é investir em conversas significativas entre pessoas de diversas partes da comunidade educativa, como a forma mais produtiva para gerar novos conhecimentos e possibilidades de ação. Eles confiam que as pessoas estão dispostas a contribuir e que a maioria delas anseia encontrar significado e possibilidade em suas vidas e trabalho. E esses coordenadores sabem que olhar e escutar os outros são ferramentas imprescindíveis para vincular todos os sujeitos do processo: a única maneira de resolver problemas complexos e difíceis.

"[...] um exercício importante no cotidiano do coordenador é o do olhar. Seu olhar precisa aprender a identificar as tendências de tempo e movimento do outro, as necessidades de confronto e

> *interlocução, num movimento da prática que se dá num continuum. E esse olhar atento e cuidadoso o ajudará a melhor organizar suas ações formadoras.* "(PLACCO, 2003, 55).

Quando queremos estar no comando, nos colocamos sós, em um espaço de sofrimento e não de co-criação.

Ser um coordenador-anfitrião é ser um facilitador e, a liderança facilitadora é muito rica. Vale lembrar que neste relacionamento, falaremos de colaboração. Sabemos que a vida sempre aconteceu em rede, mas isto nunca ficou tão claro nestes últimos tempos. E aqui estamos falando que sabemos o quanto é necessário e, ao mesmo tempo, difícil falar em colaboração.

Pois a colaboração é uma tecnologia social extremamente complexa uma vez que, integra universos pois, cada pessoa é um universo. Isto requer grande desafio para o grupo que deseja trabalhar junto. Mas, o número de possibilidades para solucionar um determinado problema será maior e com grande pertencimento e satisfação.

Partimos do princípio de que se há um problema em um lugar, são as pessoas deste lugar que precisam resolver. Pois, só assim, a proposta de solução será seguida, pois foi concebida por todos.

Não podemos deixar de pontuar a principal senão a maior habilidade para que tudo o que desejamos, seja real e possível: a **ESCUTA**. Potente, acolhedora, sensível, empática, que valoriza o que se ouve e possibilita a criação de vínculos, de confiança.

> *"Amparar o outro na queda: não para evitar que caia, nem para que finja que a queda não existe ou tente anestesiar os seus efeitos, mas sim para que possa entregar-se ao caos e dele extrair uma nova existência. Amparar o outro na queda é confiar nessa potência, é desejar que ela se manifeste. Essa confiança fortalece, no outro e em si mesmo, a coragem da entrega"* (ROLNIK, 1994, p. 8).

Nos dedicaremos a falar sobre a escuta e sua relevância em todo e qualquer processo de interação a que nos propomos, seja social ou profissional.

Rubem Alves dedicou-se a falar da importância da escuta. Vamos **<u>ouvir</u>** o que ele fala sobre isto.

> "Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar... Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular. "

Escutar é complicado e sutil. Diz Alberto Caeiro que...

> "Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma. Filosofia é um monte de ideias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Para se ver, é preciso que a cabeça esteja vazia. "

Parafraseamos o Alberto Caeiro: Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma.

Porém, não estamos falando aqui de qualquer escuta. Por isto, a necessidade de uma escuta ativa e empática, na perspectiva da comunicação não violenta (CNV), (ROSEMBERG, 2006)

Escuta, vem do latim *auscultare*, significa ouvir com atenção. Escuta é vínculo, conexão, respeito, presença. Mergulhar no mundo do outro para além da sua fala, mas através do olhar, dos gestos, do tom. Escutar é estar inteiramente presente. Na contribuição de Adriana Friedmann, no livro a Vez e a Voz das Crianças, a escuta não é um fenômeno: aprender a escutar. Tem a ver com a postura e a atitude de quem escuta. Em suas narrativas, nos traz a possibilidade de escutar também através do olhar, da poesia, da música, e assim por diante...E a partir disso, entendemos que a escuta tem a ver com compreender as múltiplas linguagens do outro, trazendo à tona, suas vivências, seus saberes, seus lugares, seus contextos, seus hábitos, suas culturas.

Quando falamos de escuta, também nos aproximamos da ética que não pode ser deixada de lado, pois, quando se trata de processos de escuta e participação, estamos nos referindo a um conjunto de normas construídas de maneira coletiva, em sociedade. É através da ética que criamos significado sobre aquilo que vivemos, e assim, vamos nos humanizando uns com os outros, sustentando reciprocidades.

A escuta está diretamente ligada as reflexões que trazemos nesta narrativa, pois, quando se trata de ressignificação dos fazer formativo e pesquisador de professores e coordenadores, nos referimos e nos aproximamos na complexidade de ser gente, humano, criador, protagonista, coautor, e para isso, a escuta se faz essencial e importantíssima neste processo.

"Porque sem memórias
Esquecemos quem somos.
Porque sem utopias,
Acaba o mundo.
Porque sem sonhos,
Morremos para a vida.
Porque sem escuta,
Teremos que silenciar."
(FRIEDMANN, 2020, p. 155)

Formação em linha fenomenológica humanizada

Compreender o mundo por meio da fenomenologia é respeitar o percurso e as bagagens de cada sujeito. É entender que cada sujeito no âmbito escolar tem seu percurso individual, além da trajetória coletiva que a escola propõe. Vai além de segregar os alunos em grupos e ter objetivos gerais, com o mesmo enfoque para todos. Sobrepõe esperar que todos os educadores respondam do mesmo modo para uma mesma formação, por exemplo, ou mesmo aos comandos e estratégias da equipe gestora.

Quando tratamos de uma escola fenomenológica humanizada, pensamos em um espaço que é composto por pessoas diferentes, com histórias e pontos de vista diferentes. Ao apresentar um conteúdo comum da Base Nacional, por exemplo, o levantamento prévio sobre o que os sujeitos conhecem sobre o assunto, é fundamental para que seja o ponto de partida – coletivo e individual.

Em se tratando de alunos, uma escola com essa ênfase, realiza o que é chamado de Plano de Ensino Individualizado – PEI. Nele, analisamos o que cada ser humano pode oferecer e, os objetivos são reorganizados para desafiar cada um exatamente de acordo com o nível que se espera.

Sobre os profissionais que compõem essa equipe, o olhar se faz no respeito aos desafios propostos a cada um, conforme as questões aparentes e subjetivas em suas práticas diárias. O trabalho com avaliação e autoavaliação de desempenho é um aspecto fundamental para o desenvolvimento profissional e humano, de cada colaborador. A instituição que segue essa linha teórico-filosófica, entende que é corresponsável pelo desenvolvimento humano de quem nela atua, seja em qual função - alunos, profissionais de ordem pedagógica ou outra.

Nessa perspectiva, acredita-se que a educação:

> *não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido, buscando a compreensão disso que somos e que fazemos – cada um de nós e todos em conjunto. Buscando o sentido e o significado mundano das teorias e das ideologias e das expressões culturais e históricas* (BICUDO, 1999, pp. 12-13).

A educação, nessa perspectiva respeita os olhares, as diferentes interpretações de mundo, bem como as possibilidades de mudança de tempo em tempo, em cada sujeito envolvido.

Portanto, assumir na Educação uma atitude fenomenológica, significa compreender o educar como um projeto "que se atualiza em ações e programações na temporalidade e na espacialidade mundanas (BICUDO, 1999, p. 14)", ou seja, no existir.

É sobre o humano e seus processos, seus olhares, seu eu sobre si e sobre o mundo que o rodeia. É o respeito e a interação sobre cada olhar e cada história.

Pensar e viver uma educação fenomenológica é dar fim aos materiais apostilados que movem o mercado educacional brasileiro e, dar andamento nos pro – jetos, do latim, PROJECTUM, "algo lançado à frente", de PROJICERE, formado por PRO-, "à frente", + JACERE, "lançar, atirar". Assim, projeto seria olhar de onde está para um tempo a frente, traçar esse caminho e o perseguir de modo organizado.

Nesse momento podemos verificar a fenomenologia como forma de investigação e busca humana, inerente ao ser humano e sua natureza (sentimento, intenções e percepções da vida humana).

Nesse sentido, a Fenomenologia se mostra apropriada à pesquisa na área da Educação, pois considera o ser humano ontologicamente em sua subjetividade. Logo, a formação do educador professor e coordenador se faz dessa forma também, por meio de suas percepções do que o rodeia. O voltar às coisas, significa retornar ao experienciado, ao real e ao vivido, ao que é próprio do humano, a sua reconstrução e reorganização interna e externa. É o processo humano da aprendizagem de dentro para fora.

Vai além de educar para reprodução, é ensinar a pensar, se colocar, criticar, analisar e se transformar enquanto produz conhecimento a partir do que já se tem no universo. O homem é nada mais do que a educação faz dele.

É reconstruir-se e ressignificar o mundo a partir de um olhar crítico e racional. É formar humanos libertos de padrões pré-estabelecidos, sendo esses os que dão sentido ao mundo que os rodeia.

Parafraseando Paulo Freire, “quando uma educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor” e, em busca disso que estamos, com uma formação de seres humanos com olhares sobre os fenômenos que os rodeiam, que se sentem aptos e livres para expressar suas perspectivas.

Utopia: a semente

"Não havia professores
Todo adulto ensinava.
Aprendia-se
a partir
da própria experiência
e da experiência dos outros.
Aprendia-se fazendo,
o que tornava
inseparáveis
o saber,
a vida
e o trabalho."
(HARPER, 1987, p. 25)

Do encontro nas Casas Nuvem, com as janelas abertas, quatro simplesMentes tão singulares se conheceram e ao longo de 18 meses foram escavando suas histórias, memórias e trazendo à superfície seus desejos, sonhos e utopias. As transformações foram acontecendo e a vontade de ser floresta aumentando.

Uma professora de química, que viveu a experiência de coordenação pedagógica, de direção pedagógica, de gestar as ideias. Uma pessoa que traz a visão macro da escola, de como ela pode ser inovadora e fazer a diferença na realidade.

Uma professora da educação infantil, que foi construindo saberes, aprofundando as camadas de conhecimento, aprendendo e desejando cada dia mais, que se forma com seus professores.

A primeira graduada da família, que encheu de orgulho seus familiares e, tão nova aceitou o desafio de estar na coordenação pedagógica e num território tão distante de sua terra natal.

Uma professora de ensino fundamental 1, que vê na segunda infância uma potência que vai além das regras ortográficas e da espera pela adolescência, que acredita que a escuta do educador precisa manter-se ativa e investigativa para que os conteúdos não sejam os fins.

Quatro histórias de vida que se imantaram pela ideia de TRANSformar com professores, de pesquisar na ação, de produzir conhecimento a partir da autoria cotidiana vivida nas escolas.

Como fazer da escola um ambiente com educadores pesquisadores? Como trazer para o cotidiano do educador a pesquisa, a investigação da própria prática? Como transformar a formação com educadores de um evento com dia, hora e profissionais gabaritados, para o todo dia, a toda hora, com a realidade do chão da escola?

"Para envolvermos nossos alunos com pensamentos, precisamos cercar a nós mesmos desse contexto. Exercitarmos nosso ato curioso diante do mundo e da aprendizagem, pesquisarmos atentamente, estudarmos não apenas os conteúdos, mas nossos alunos e como eles aprendem.

> Estudarmos também nosso próprio ato aprendiz, modificando a nossa disposição diante do mundo.” (SANTOS, 2021, p.72)

E aqui entra o nosso sonho. A proposta que surge desse encontro, das reflexões dessas quatro educadoras que estão em constante reflexão dos pensamentos, dos estudos, da prática e novos conhecimentos que vão se aproximando.

Uma proposta para regar e um grande anseio que germine.

A criação de espaços formadores, em que os educadores possam pensar sobre suas práticas de mãos dadas com outros educadores que trarão perguntas sobre o que foi feito, fazendo com que cada um precise argumentar sobre suas escolhas, refletir sobre a sua prática e propor caminhos mais significativos para si próprio e seu grupo de estudantes.

Mãos dadas - Deborah Dubner

Espaços que não sejam necessariamente os empregadores desses educadores, mas que sejam referências de acolhimento, de desejos por uma educação com maior qualidade, de educadores que possam mostrar suas fragilidades e suas potencialidades sem estar numa competição, mas num encontro onde todos ganham com a experiência do outro. Espaços que estejam fundamentados na afirmação de Paulo Freire (1998, p.47): “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Uma aldeia formadora, onde um parceiro mais experiente se responsabiliza pela aprendizagem do mais novo, como processo de sua própria aprendizagem. Como cita SANTOS, 2021, p.76 “O investimento na formação do professor-pesquisador relaciona-se diretamente à formação do aluno pesquisador e à construção dessa nova cultura de pensamento na sala de aula - um professor que pesquisa sobre as teorias e sobre seu próprio processo de investigação, mas que também pesquisa seus alunos e o modo como eles aprendem.”

Processos contínuos em que os encontros são o que fomentam as trocas de investigações e alimentam a pesquisa sobre teorias que auxiliam as tomadas de decisões para uso na prática de sala de aula.

> “Uma construção que se faz com tempo e no tempo, como acontece com todo processo de criação e transformação de cultura, não algo que se desenvolve com uma atividade ou informação.” (SANTOS,2021)

Local para troca sem julgamentos, sem avaliações institucionais não-formativas, onde o saber valorizado é o da incerteza, da possibilidade, da tentativa. Espaço protegido, como estufas, para que os rizomas se espalhem e sejam fomentadores do crescimento de novas plantas, de novos bambus na floresta, fornecendo-lhes nutrientes e multipliquem os bons saberes e sabores de ser educador.

Espaço que fortaleça o planejar, a explicitação da intencionalidade, mas que também fortaleça as decisões que devem ser tomadas pelo educador que, ao estar aberto às dinâmicas do grupo de crianças, escuta-os, incluindo as necessidades individuais e as coletivas, movendo-se na relação com

as crianças e não apenas buscando que elas se movam. Sendo o espaço coletivo aquele que abriga as vivências singulares.

Para que esse exercício complexo e exigente seja realizado cotidianamente, é preciso que as educadoras e toda a escola sustentem essas intervenções, abrindo espaços formativos com professores.

> "É no presente e na presença que a vida acontece, que os acontecimentos se sucedem, que as experiências podem ganhar sentido e que nos constituímos." (BAROUKH, 2022, p.112-113)

Uma conexão rizomática.

Deleuze e Guattari trazem alguns princípios do rizoma (em Mil Platôs):

Conexão e Heterogeneidade: o rizoma cresce se descentrando, conectando-se de forma heterogênea. Exemplo: os links na internet. Uma palavra pode ligar-se a uma imagem, um som, um vídeo, sem respeitar nenhuma regra pré-estabelecida.

Multiplicidade: o rizoma é a multiplicidade tratada como sujeito que atravessa seus objetos alterando-os. Exemplo: a marionete se move graças às linhas que a ligam à mão do sujeito, mas o próprio sujeito só move o boneco ao preço de mover-se também.

Ruptura: o rizoma pode ser rompido em qualquer ponto sem ser eliminado, ao contrário, ele abre múltiplos caminhos a partir de suas interrupções. Exemplo: um contraponto entre duas melodias, duas linhas que são obrigadas a modificar-se conforme se interrompem e constituem a música em sua trama.

Cartografia e Decalcomania: o rizoma é o princípio da cartografia porque não pode ser decalcado, imitado por uma representação. Exemplo: um mapa de metrô tem múltiplas entradas e saídas, permanecendo aberto a diversos usos segundo a necessidade de cada um.

> "Aprender não é um processo de absorver ideias dos outros, mas envolve descobrir, tornar visíveis nossas próprias ideias e teorias, e ampliá-las através das trocas com as diferentes ideias e teorias do grupo. Entende-se que esse processo é o ponto de partida para uma aprendizagem profunda, significativa e transformadora." (LOPEZ-MESQUITA, CAYUELA, 2021, P.102)

Nosso desejo é que cada educador consiga, na troca com o outro, tornar seu rizoma visível, multiplicando saberes e experiências, valorizando os encontros como processos de transformação.

Finalizamos com uma frase de Josca e Paula quando nos convidam – as crianças e seus parceiros de caminhada – a conhecer o mundo quando entram pela porta da escola, em que poeticamente retomam Fernando Pessoa. **"Com a precisão da intencionalidade, a vida se faz imprecisa – a jornada traz preciosidades inesperadas, mistérios a serem investigados."** (BAROUKH, 2022, p.116)

Referências Cumpridas

Lou:

a) **Comunidades de Aprendizagem**: Este caderno é uma adaptação feita a partir do material de formação produzido pelo CrEA, Centro de investigação em Teorias e práticas de Superação de desigualdades da Universidade de Barcelona. Disponível em https://www.comunidadedeaprendizagem.com/uploads/materials/559/f09576a1a7945291a63945676a8bcba5.PDF . Acesso em maio de 22.

b) Dewey, J. (1939). **Creative democracy: The task before us**. In http://www.faculty.fairfield.edu/faculty/hodgson/Courses/progress/ Dewey.pdf apud FORMOSINHO, J. O.; FORMOSINHO, J. (2013). Pedagogia-em-Participação: a perspectiva educativa da Associação Criança. Portugal: Porto Editora, 2013

c) FERRO, A. B. (2017). **Transformando a educação pela liderança transformacional: (in)fluência em mudança e inovação**. Disponível em https://www.adayapress.com/wp-content/uploads/2017/07/CTED19.pdf . Acesso em maio de 2022.

d) FORMOSINHO, J. O.; FORMOSINHO, J. (2013). **Pedagogia-em-Participação: a perspectiva educativa da Associação Criança.** Portugal: Porto Editora, 2013.

e) ROSEMBERG, M. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Editora Ágora, 2006.

f) WHEATLEY, M. **Liderança e a Nova Ciência**. Ed Cultrix, 2006. Curso de facilitadores, Cuidadoria, São Paulo, 2022.

Tacila:

g) PROENÇA, Maria Alice de Rezende; GARRIDO, Elza. O registro reflexivo na formação contínua de educadores: tessituras da memória na construção da autoria. 2003.Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003

h) FREIRE, Madalena. (2008) Educador, educa a dor.

i) ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (1996) O Coordenador Pedagógico E Formação De Professores.

j) ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (1996) O Coordenador Pedagógico E o cotidiano da escola.

k) ANDRADE, Julia Pinheiro. (2021) Aprendizagens visíveis – experiências teórico-práticas em sala de aula.

l) BICUDO, Maria Apareicda Viggiani. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, M. A.V. e CAPPELLETTI, I. F. Fenomenologia: uma visão abrangente da Educação. 1ª Edição. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

Andressa:

m) Alcântara, Cristiano; Borges, Ana Lúcia. (2021) Entre sabores e saberes: experiências e reflexão sobre a gestão escolar e formação docente.

n) Alcântara Cristiano. 2020 Coordenação Pedagógica na infância: a gestão dialogada com os registros.

o) Antônio, Severino. 2021 O voo dos que ensinam e aprendem: uma escuta poética.

p) Adriana Friedmann, A Vez e a Voz das crianças. Escuta antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo, 2020.

Carol Petreche:

q) PROENÇA, Maria Alice. **O registro e a documentação pedagógica: entre o real e o ideal, o possível**. – 1ª ed. – São Paulo: Panda Educação, 2021.

r) SANTOS, Renata Araujo. **O pensamento visível e a formação continuada de professores**. In: Aprendizagens visíveis – experiências teórico-práticas em sala de aula. / organização Julia Pinheiro Andrade – 1ª ed. – São Paulo: Panda Educação, 2021.
s) LOPES-MESQUITA, Ana e CAYUELA Daniela. **A aprendizagem visível e a transformação docente**. In: Aprendizagens visíveis – experiências teórico-práticas em sala de aula. / organização Julia Pinheiro Andrade – 1ª ed. – São Paulo: Panda Educação, 2021.
t) BAROUKH, Josca Ailine. Venha conhecer o mundo! Subjetividade e experiência na Educação Infantil / Josca Ailine Baroukh, Paula Fontana Fonseca – 1ª ed. – São Paulo: Panda Books, 2022.
u) PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza e SOUZA, Vera Lucia Trevisan de (org.). **Aprendizagem do adulto professor**. 2ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.
v) TERZI, Cleide do Amaral, MARTINS, João Carlos e PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite. **Sala de aula: quando eu entro e fecho a porta... quando eu entro e abro a porta...** – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.
w) TERZI, Cleide do Amaral e FUJIKAWA, Mônica Matiê. **Como reverter planejamentos de trabalho de coordenadores em oportunidades formadoras?** IN: ALMEIDA, L.R.; PLACCO, V.M.N.S. (org.). **O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
x) FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
y) DELEUZE, Gilles. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)
z) HARPER, Babette, CECCON, Claudius, OLIVEIRA, Miguel Darcy de, OLIVEIRA, Rosiska Darcy de, FREIRE, Paulo. **Cuidado, escola! – desigualdade, domesticação e algumas saídas**. 24ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
aa) LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.
bb) DELEUZE, G. **Conversações.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
cc) ROLNIK, S. **Confiança.** Hal Hartley e a ética da confiança. 1994. Disponível em: http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/confianca_corrigido.pdf Acesso em maio de 2022.
dd) GONÇALVES, Luiz Carlos. Gestão escolar: acompanhamentos e parcerias. 1ª ed. – São Paulo: Edição do Autor, 2021.
ee) Live: **A escola como espaço livre para o encontro com o conhecimento**. Jan Masschelein. https://youtu.be/kDQbgNCYvTw
ff) Live: **Gestão escolar: acompanhamentos e parcerias**. Luiz Carlos Gonçalves. https://youtu.be/OcEwT20uQUs

Imagem 3: Mãos dadas – Deborah Dubner https://dancacircular.com.br/waUpload/0300109032013132332.jpg